

FABIANA BARBOSA CABRAL

**EXPOGRANDE NA PRODUÇÃO DO CONHECIMENTO
INOVAÇÃO PARA O DESENVOLVIMENTO DO
AGRONEGÓCIO NO TERRITÓRIO DE CAMPO GRANDE/MS**

BOLSISTA CAPES

UNIVERSIDADE CATÓLICA DOM BOSCO
PRÓ-REITORIA DE PESQUISA E PÓS-GRADUAÇÃO
PROGRAMA DE PÓS EM DESENVOLVIMENTO LOCAL
MESTRADO ACADÊMICO
CAMPO GRANDE – MS

2014

FABIANA BARBOSA CABRAL

**EXPOGRANDE NA PRODUÇÃO DO CONHECIMENTO E
INOVAÇÃO PARA O DESENVOLVIMENTO DO
AGRONEGÓCIO NO TERRITÓRIO DE CAMPO GRANDE/MS**

Dissertação apresentada à Banca de Exame Geral de Defesa do Programa de Pós- Graduação em Desenvolvimento Local - Mestrado Acadêmico, sob a orientação do Profa. Dra. Cleonice Alexandre Le Bourlegat.

CAMPO GRANDE – MS
2014

FOLHA DE APROVAÇÃO

Título: “EXPOGRANDE NA PRODUÇÃO DO CONHECIMENTO E INOVAÇÃO PARA O DESENVOLVIMENTO DO AGRONEGÓCIO NO TERRITÓRIO DE CAMPO GRANDE-MS”

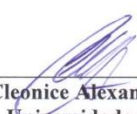
Área de concentração: Desenvolvimento local em contexto de territorialidades

Linha de Pesquisa: Desenvolvimento local, sistemas produtivos, inovação e governança.


Dissertação submetida à Comissão Examinadora designada pelo Conselho do Programa de Pós-Graduação em Desenvolvimento Local – Mestrado Acadêmico da Universidade Católica Dom Bosco, como requisito parcial para a obtenção do título de Mestre em Desenvolvimento Local.

Exame de Defesa aprovado em: 30/07/2014


BANCA EXAMINADORA



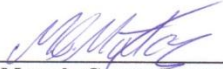
Profª Drª Cleonice Alexandre Le Bourlegat - Orientadora
Universidade Católica Dom Bosco



Prof Dr Heitor Romero Marques
Universidade Católica Dom Bosco



Profª Drª Arlinda Cantero Dorsa
Universidade Católica Dom Bosco



Prof Dr Marcelo Gerson Pessoa de Matos
Universidade Federal do Rio de Janeiro

Dedico esse trabalho à Deus, pois concedeu-me a vida e tudo que conquistei. À querida Prof^a. Dra. Cleonice Alexandre Le Bourlegat a quem devo a minha gratidão por toda a dedicação depositada neste trabalho.

“É muito melhor lançar-se em busca de conquistas grandiosas, mesmo expondo-se ao fracasso, do que alinhar-se com os pobres de espírito, que nem gozam muito nem sofrem muito, porque vivem numa penumbra cinzenta, onde não conhecem nem vitória, nem derrota.”

(*Theodore Roosevelt*)

AGRADECIMENTOS

Não foi fácil chegar até aqui, nem tão pouco tranquilo, mas quem disse que seria fácil? Almejei, esquadrinhei e consegui realizá-lo, pois uma voz dentro de mim dizia: você vai conseguir! Acreditei e não deixei que as circunstâncias interrompessem o meu objetivo, e quando me dei conta lá estava eu apresentando-me para a banca na qualificação. Não existe satisfação maior neste mundo do que a concretização dos nossos grandes objetivos, principalmente quando eles se tornam desafiadores.

Deus muito Obrigada!

Aos meus pais por terem me dado a vida, à educação, a moral, e os princípios religiosos, muito obrigada.

A minha querida e abençoada “maninha” Adriana, que sempre acreditou no meu trabalho dando-me força nos momentos difíceis.

Ao meu querido esposo Guaraci pela compreensão nos momentos de ausência.

Aos meus filhos Luigi, Vinícius e Rafael que são as três estrelinhas que iluminam e enriquecem o meu ser.

A minha querida afilhada “Dudinha” que é um exemplo real de que tudo é possível quando nossas ações são imbuídas de amor, paciência, dedicação.

Ao Programa de Mestrado em Desenvolvimento Local em Contexto Territorialidade, aos professores, que abrilhantaram o meu saber com seus conhecimentos.

Em especial aos professores Dr. Heitor Romero Marques e Dra. Arlinda Cantero Dorsa que foram mais que professores, foram também amigos que não permitiram que eu interrompesse o processo e pela confiança depositada.

À adorável professora Dra. Cleonice Le-Boulegart que sem dúvida merece todo o meu respeito e reconhecimento, pelo exemplo de profissionalismo e pela sua simplicidade.

Estende-se meu agradecimento aos funcionários pelo carinho e dedicação demonstrados na condução do curso, proporcionando um ambiente muito agradável.

Quero agradecer também a Acrissul (Associação de Criadores de Mato Grosso do Sul) pela magnânima recepção e pelo interesse, em especial ao Dr. Loacir da Silva, assessor técnico da Expogrande, que esteve sempre disposto a ajudar e pela confiança depositada.

Com vocês divido a alegria desta experiência.

RESUMO

A maior feira agropecuária do estado de Mato Grosso do Sul, a Expogrande, exhibe aspectos relevantes, tanto econômicos como culturais para Campo Grande e para o estado de Mato Grosso do Sul. O objetivo deste estudo, foi identificar e analisar, no âmbito da estrutura e dinâmica da Expogrande, como também as atividades potenciais disseminadoras de processos inovativos e produtoras de conhecimentos à atividade agropecuária desenvolvida em território local. Para a consecução dos objetivos propostos, a presente pesquisa foi elaborada, aplicada e interpretada, a partir do método hipotético-dedutivo numa abordagem sistêmica, buscando-se a inter-relação e interdependências entre os fenômenos estudados. Pode-se constatar que a Expogrande pode ser qualificada como espaço de disseminação e produção de conhecimentos técnicos e científicos ajustadas às crescentes necessidades da agropecuária praticadas em território local. Verificou-se também que a disseminação do conhecimento ocorre através dos vários tipos de interações, entre os frequentadores que detêm o conhecimento tácito e/ou entre os órgãos e empresas que detêm o conhecimento técnico científico de vanguarda. Foi realizado um breve resgate histórico de Campo Grande e da Expogrande e, ainda da sua expansão, no contexto territorial local e regional de Campo Grande, sob a ótica de vários autores que tratam desses temas, para maior entendimento dos dispositivos propostos.

Palavras Chave: Desenvolvimento Local. Conhecimento Coletivo. Inovação Territorial. Exposição Agropecuária.

ABSTRACT

The largest agricultural fair in the state of Mato Grosso do Sul, Expogrande displays relevant aspects, both economic and cultural to Campo Grande and the state of Mato Grosso do Sul. The aim of this study was to identify and analyze, within the framework and dynamics of Expogrande, as well as potential activities disseminators of innovative processes and producing knowledge to the farming developed in the local territory. To achieve the proposed objectives, this research was designed, applied and interpreted, from the hypothetical-deductive method in a systemic approach, seeking the interrelation and interdependence of the phenomena studied. It can be seen that the Expogrande can be described as a space for dissemination and production of technical and scientific knowledge tailored to the growing needs of agriculture practiced in the local territory. It was also found that the dissemination of knowledge occurs through the various types of interactions among the regulars who holds the tacit and / or knowledge among agencies and companies which have the scientific expertise to the forefront. A brief historical review of Campo Grande and Expogrande and also its expansion in local and regional territorial context of Campo Grande in the view of several authors that address these issues, for greater understanding in the context of the proposed devices.

Key Words: Local Development. Collective Knowledge. Territorial Innovation. Agricultural Exposure.

LISTA DE GRÁFICOS

| | |
|---|----|
| Gráfico 01: Evolução do efetivo bovino na microrregião de Campo Grande..... | 51 |
| Gráfico 02: Estabelecimento com bovinos em Campo Grande..... | 52 |
| Gráfico 03: Estrutura Fundiária de Campo Grande 2006..... | 53 |
| Gráfico 04: Contribuição da Expogrande à disseminação e produção do conhecimento segundo os organizadores..... | 91 |
| Gráfico 05: Principal motivação do público que buscou o ciclo de palestras na Expogrande..... | 92 |
| Gráfico 06: Contribuição da Expogrande para o conhecimento em agropecuária | 93 |
| Gráfico 07: Contribuição da Expogrande para a aprendizagem em agropecuária.. | 93 |

LISTA DE FIGURAS

| | |
|--|----|
| Figura 01: Formas de conversão e espiral do conhecimento... | 23 |
| Figura 02: Gado vendido em leilão..... | 44 |
| Figura 03: Gado Nelore em Campo Grande – 2011..... | 50 |
| Figura 04: Localização Parque Laucídio Coelho Campo Grande..... | 56 |
| Figura 05: Localização Parque Laucídio Coelhobairro Jóquei Club..... | 56 |
| Figura 06: Frente Parque Laucídio Coelho bairro Jóquei Club..... | 57 |
| Figura 07: Lateral Parque Laucídio Coelho bairro Jóquei Club..... | 57 |
| Figura 08: Vista geral da Expogrande no Parque Laucídio Coelho em 2014. | 58 |
| Figura 09: Espaço no Parque destinado ao Leilões.. | 60 |
| Figura10: Gado Nelore Padrão... .. | 62 |
| Figura 11: Gado bovino de corte da raça Canchim.. | 62 |
| Figura 12: Julgamento do cavalo Pantaneiro.. | 63 |
| Figura 13: Exposição do cavalo Árabe..... | 64 |
| Figura 14: Gado Bonsmara..... | 64 |
| Figura 15: Ambiente de leilão no Tatersal de Elite... .. | 67 |
| Figura 16: Atores que interagem no ambiente dos leilões..... | 68 |
| Figura 17: Ambiente dos julgamentos dos animais..... | 68 |
| Figura 18: Fêmea adulta Nelore premiado 2012..... | 69 |
| Figura 19: Leilão de elite com gado Senepol... .. | 69 |
| Figura 20: Julgamento do gado Girolando..... | 70 |
| Figura 21: Interação no ambiente no <i>ShoppingMilk</i> | 71 |
| Figura 22: Espaço dos pavilhões dentro do Parque..... | 73 |
| Figura 23: Outra vista do espaço dos pavilhões dentro do Parque..... | 73 |
| Figura 24: Pavilhão de exposição do gado Senepol..... | 74 |
| Figura 25: Outro aspecto do pavilhão de exposição do gado Senepol..... | 74 |
| Figura 26: Gado bovino de corte Nelore em exposição..... | 75 |
| Figura 27: Detalhe do gado bovino Nelore em exposição..... | 75 |
| Figura 28: Espaço destinado ao gado de leite.. | 76 |
| Figura 29: Pavilhão destinado ao gado de leite..... | 76 |
| Figura 30: Empresa de Melhoramento genético..... | 77 |
| Figura 31: Empresas fornecedoras de produtos de nutrição animal.... | 77 |

| | |
|--|----|
| Figura 32: Empresa de nutrição animal..... | 78 |
| Figura 33: Outra empresa de nutrição animal..... | 78 |
| Figura 34: Estande de empresa de vendas de troncos..... | 79 |
| Figura 35: Empresa fornecedora de sementes de pastagem. | 79 |
| Figura 36: Empresa de máquinas e implementos..... | 80 |
| Figura 37: Estande de tratores..... | 80 |
| Figura 38: Empresa de máquinas..... | 80 |
| Figura 39: Empresa de fertilizantes..... | 80 |
| Figura 40: Estande destinado ao pequeno produtor..... | 81 |
| Figura 41: Empresa fornecedora de bens e serviços pecuária bovina de corte. | 81 |
| Figura 42: Estande da UCDB..... | 82 |
| Figura 43: Estande da SEPROTUR... .. | 82 |
| Figura 44: Interação da Universidade com criadores e público em geral.. .. | 83 |
| Figura 45: Integração do órgão de governo com integrantes das cadeias produtivas..... | 83 |
| Figura 46: Interação da Embrapa com criadores de gado na Expogrande.. .. | 85 |
| Figura 47: Interações em eventos específicos de produção e disseminação de conhecimento. | 87 |
| Figura 48: Palestra proferida por especialista de empresa na Expogrande.... .. | 89 |
| Figura 49: <i>Workshop</i> sobre empreendedorismo..... | 89 |
| Figura 50: Fórum nova pecuária no MS..... | 90 |
| Figura 51: Vista aérea do espaço destinado julgamento e concurso de animais...94 | |
| Figura 52: Momento do <i>Show</i> na Expogrande..... | 95 |
| Figura 53: Agenda de <i>Shows</i> na Expogrande 2013..... | 95 |
| Figura 54: Agenda de <i>Shows</i> na Expogrande 2014..... | 96 |
| Figura 55: Barras de alimentação na Expogrande..... | 96 |

SUMÁRIO

| | |
|---|-----------|
| INTRODUÇÃO.. | 15 |
| 1REFERÊNCIAL TEÓRICO E METODOLÓGICO DA PESQUISA.. | 17 |
| 1.1Produção do conhecimento e inovação no desenvolvimento territorial.. | 17 |
| 1.1.1Conhecimento interativo no atual mundo em rede..... | 17 |
| 1.1.2 Aprendizado coletivo na produção interativa do conhecimento..... | 20 |
| 1.1.3 Aprendizagem interativa e inovação territorial no desenvolvimento local.... | 24 |
| 1.1.3.1 Inovação: processo localizado e sistêmico..... | 26 |
| 1.1.3.2 Desenvolvimento local num processo de inovação territorial..... | 27 |
| 1.2 Referencial metodológico..... | 30 |
| 1.2.1 Método de pesquisa..... | 30 |
| 1.2.2 Natureza da pesquisa..... | 31 |
| 1.2.3 Método de Abordagem da pesquisa..... | 31 |
| 1.2.4 procedimentos Metodológicos..... | 32 |
| 1.2.4.1 Pesquisa bibliográfica e documental.. | 32 |
| 1.2.4.2 Pesquisa de Campo e Exploratória.. | 32 |
| 2 TERRITORIALIZAÇÃO DA EXPOGRANDE NO CONTEXTO DO SETOR AGROPECUÁRIO DE CAMPO GRANDE/MS..... | 35 |
| 2.1 Territorialização da expogrande em Campo Grande/MS.. | 35 |
| 2.1.1 Origem da feira de amostras de gado associada à festa..... | 35 |
| 2.2.1.1 Campo Grande no contexto do país na década de 30 do século XX. | 36 |
| 2.2.1.2 <i>Feira de Amostra: o Leilão e Festa</i> | 39 |
| 2.1.2 Pós-guerra: o leilão e o entretenimento público..... | 41 |
| 2.1.3 Papel da feira no avanço da fronteira agrícola.. | 42 |
| 2.1.4 Expogrande na era do conhecimento..... | 45 |
| 2.1.5 Territorialidade da pecuária bovina em Campo Grande Grande/MS no contexto da Expogrande..... | 48 |
| 2.1.5.1 Origem da pecuária bovina no contexto do Estado..... | 48 |
| 2.1.5.2 Territorialidade da Pecuária bovina em Campo Grande..... | 49 |
| 2.2.5.3 Principais Inovações na Pecuária bovina em Campo Grande..... | 53 |
| 3 TERRITORIALIDADE DA EXPOGRANDE E SEU PAPEL NA DISSEMINAÇÃO DO CONHECIMENTO E INOVAÇÕES NA AGROPECUÁRIA | |

| | |
|--|------------|
| DE CAMPO GRANDE/MS..... | 54 |
| 3.1 Territorialidade da expogrande..... | 54 |
| 3.1.1 Parque Laucídio Coelho: estrutura física da Expogrande..... | 55 |
| 3.1.2 Estrutura e funcionamento dos leilões na Expogrande..... | 58 |
| 3.1.3 Ambiente dos Negócios e o aprender fazendo..... | 61 |
| 3.1.3.1 Aprender fazendo no ambiente de comercialização..... | 65 |
| 3.1.4 Ambiente dos expositores na disseminação da novidade..... | 72 |
| 3.1.5 Ambiente organizado com finalidade específica de disseminação e produção do conhecimento..... | 85 |
| 3.2 Papel da expogrande na disseminação e produção do conhecimento vista por seus organizadores e frequentadores..... | 90 |
| 3.2.1 Percepção dos organizadores da Expogrande..... | 90 |
| 3.2.2 Percepção dos frequentadores da Expogrande..... | 92 |
| 3.3 Ambiente de entretenimento ao público em geral..... | 94 |
| CONSIDERAÇÕES FINAIS..... | 98 |
| REFERÊNCIAS..... | 102 |
| APÊNDICE I..... | 105 |
| APÊNDICE II..... | 106 |

INTRODUÇÃO

A Exposição Agropecuária e Industrial de Campo Grande (Expogrande), sediada em Campo Grande, é considerada, há décadas, a feira mais importante do estado de Mato Grosso do Sul para alavancar os negócios no setor agropecuário. De fato, a exemplo do que vem ocorrendo com algumas grandes exposições de agropecuária no Brasil, em Municípios como Barretos, Araçatuba e Uberaba, a Expogrande, vem se constituindo na linguagem comum dos integrantes do agronegócio, um dos espaços de negócio mais importantes para esse setor.

O foco principal da exposição sejam os leilões, a gastronomia de vários restaurantes e a festa animada pelos shows que também se associaram ao evento. A ideia de negócio relacionada à festa ficou cada vez mais vinculada, de modo que a exposição deixou de ser um evento local, restrito aos fazendeiros, para se transformar em um grande espaço de negócio e entretenimento regional, além de atrair público de diversos segmentos sociais. Desse modo, a exposição ao longo do tempo tornou tradição popular na cidade e região.

Como resultado desse papel e de sua capacidade de aglomerar agricultores, pecuaristas e visitantes de toda região, a exposição também se potencializou como espaço de atração de um número crescente de empresas de alta tecnologia que expõem e demonstram seus produtos, proporcionando oportunidades de inovação no setor agropecuário.

Interessante observar ainda, mais recentemente, que a presença de universidades, órgãos de pesquisa e outras instituições técnicas e científicas, tem sido cada vez mais significativa. Essas instituições disputam espaços em estandes para apresentar suas ações e expor novos produtos, assim como na organização de eventos científico-tecnológicos, num cenário de exposições técnicas e de difusão da informação.

É perceptível que a Expogrande vem ganhando um importante espaço de interações no território local, pela sua multifuncionalidade, especialmente no que tange à uma nova função que é a de disseminação de informações técnica e científica no setor da agropecuária em Campo Grande. Atualmente nota-se também a

presença de universidades e organizações técnicas e científicas e de eventos dessa natureza que ganham evidência em sua programação.

Parte-se do pressuposto que a presença dessas organizações técnicas e científicas no exercício da função de disseminação do conhecimento possam possibilitar processos interativos de aprendizagem. Presume-se que a Expogrande possa estar exercendo também papel cada vez mais importante de espaço de aprendizagem, capaz de induzir a dinamização do sistema territorial de inovações do setor agropecuário de Campo Grande e região.

Os sujeitos que se beneficiam desses processos coletivos de aprendizagem apresentam maiores potencialidades, sob forma de capacidades, competências e habilidades, para deflagrar ações protagonistas transformadoras cada vez mais sustentáveis em seu lugar de vida, num processo de desenvolvimento local.

A questão que se coloca na presente pesquisa é se a Expogrande pode ser qualificada no território de Campo Grande como espaço de disseminação e produção interativa de novos conhecimentos técnicos e científicos, que contribuam em processos de inovação no desenvolvimento da agropecuária.

Nesse sentido, o objetivo da pesquisa é identificar e analisar, no âmbito da estrutura e dinâmica da Expogrande, como também na percepção dos organizadores e frequentadores do evento, as atividades potenciais disseminadoras e produtoras de conhecimentos indutores de inovações, que estejam ajustadas às crescentes necessidades da agropecuária desenvolvida em território local.

O trabalho de redação foi estruturado em três capítulos. No primeiro capítulo são apresentadas as principais teorias e categorias conceituais selecionadas, assim como os passos metodológicos definidos para a realização da pesquisa. O segundo capítulo trata da territorialização da Expogrande no Contexto de Campo Grande e do setor agropecuário. Já o último capítulo aborda a territorialidade da Expogrande, em termos de estrutura e dinâmica, como disseminadora do conhecimento e inovações no setor agropecuário de Campo Grande/MS.

1 REFERENCIAL TEÓRICO METODOLÓGICO DA PESQUISA

O objetivo do presente capítulo é apresentar as principais teorias e categorias conceituais selecionadas como referencial teórico para apoiar a análise e interpretação da pesquisa, assim como os passos metodológicos definidos para a realização da pesquisa.

1.1 PRODUÇÃO DO CONHECIMENTO E INOVAÇÃO NO DESENVOLVIMENTO TERRITORIAL

1.1.1 Conhecimento interativo no atual mundo em rede

O conhecimento sempre foi considerado importante na história da humanidade, até porque ele corresponde a uma necessidade básica do ser humano que é a de compreender o mundo que o cerca, aprender com ele e nele para existir. Desde os tempos gregos tem-se verificado a preocupação dos sábios filósofos na sua definição. Para a maioria dos filósofos ocidentais, como Platão, Ménon, Fédon e Teeteto, o conhecimento é “a crença verdadeira e justificada”.

Durante a Modernidade, duas categorias de reflexão foram debatidas a respeito da fonte do conhecimento, a dos empiristas e racionalistas. Para os primeiros (HUME, Locke), a única fonte do conhecimento seriam as experiências empíricas, sensoriais. Para os racionalistas (Renér, Descartes, Leibnz) a única faculdade capaz de perceber as conexões e relações existentes na realidade seria a razão pura e que podem ser traduzidas por fórmulas e linguagem matemática.

Mais recentemente, os adeptos das teorias interacionistas reforçaram o caráter interativo na construção do conhecimento assim como sua a dinamicidade. Para Piaget (1995), o conhecimento se constrói na interação do ser humano com o objeto e a situação do seu meio. Ele assimila um novo conhecimento quando lhe atribui sentido e o acomoda aos esquemas mentais já existentes, num processo de reequilibração.

Para Vygotsky (1984), essa transformação dos esquemas mentais que transforma o conhecimento ocorre, não só na interação do indivíduo com objeto e

situação, mas também dele com outros indivíduos. Nesse caso, cada indivíduo constrói o esquema mental, mas pode ampliá-lo e adensá-lo no processo de relação social. Lembra que esse conhecimento seria sempre mediado pela cultura construída em seu mundo vivido. Portanto, para cada indivíduo o contexto é sempre considerado sua compreensão do mundo.

Concorda Polanyi (1983) com as ideias de Piaget e Vygotsky e afirma que a assimilação pessoal do conhecimento leva em conta não só os esquemas mentais e cultura, mas também as habilidades construídas em sua vivência. Esses esquemas mentais e simbolismos culturais construídos também influenciam a percepção dos objetos e situações na interação com eles. Nesse processo cada sujeito que assimila um tipo de conhecimento específico/pessoal ao interagir no meio social acaba por disseminá-lo nesse ambiente.

Esse conhecimento que cada um constrói e assimila durante a vida e que é específico de cada ser humano e de cada coletividade em sua organização ou em seu território de vida, Polanyi (1983) considera em sua dimensão tácita do conhecimento. Esta dimensão tácita se expressa, portanto, como ideias, percepção, habilidades e experiência inerentes a cada pessoa, organização ou território.

A dimensão tácita do conhecimento, segundo Polanyi (1983), é mais ampla do que o conhecimento que cada um consegue explicitar. Assim, o conhecimento racional, organizado, estruturado mesmo como conhecimento científico - considerado um conhecimento explícito - tem menor amplitude que o conhecimento tácito.

No entanto, ele é muito mais fácil de ser transferido, disseminado, seja por meio da fala organizada, de um manual técnico, de uma simples informação comunicada ao outro, ou até mesmo de um livro, ou de um relatório técnico ou científico. O conhecimento tácito, enraizado nas pessoas e nos lugares onde uma dada coletividade reproduz seu cotidiano de interações sociais, não tem possibilidade de ser transferido em sua amplitude. É sempre uma pequena parte aquilo que se consegue explicitar.

O conhecimento tácito é subjetivo, o indivíduo o adquire ao longo da vida, através de suas experiências, simbolismos, esquemas mentais e habilidades. Como

é aprendido no dia-a-dia das pessoas, o conhecimento tácito acontece naturalmente, muitas vezes sem o indivíduo dar-se conta disso.

O foco no modelo de desenvolvimento adotado no sistema capitalista da Chamada Era Industrial, especialmente após a Segunda Revolução Industrial, era o conhecimento explícito. Este conhecimento produzido na forma técnica e científica era aplicada à produção, gerenciamento, comercialização e se associava à ideia de redução de custos para garantir a maximização do lucro. Os pensadores neoclássicos não preconizavam a construção do conhecimento por processos interativos dentro das organizações, tão pouco com a capacidade de produzir e inovar.

No entanto, com a nova situação do mundo em rede e as transformações decorrentes da maior facilidade e velocidade de comunicação conduziu o contemporâneo à “Era do Conhecimento”. O mundo em rede tornou mais visível e valorizou as diferenças e suas especificidades, assim como o conhecimento. Em um mundo em que as mudanças são aceleradas e as incertezas fazem parte do cotidiano das organizações, torna-se imprescindível a aquisição do conhecimento e da inovação na potencialização de suas forças. Esse papel do conhecimento vem superando consideravelmente a composição do valor do produto no mundo contemporâneo.

Contribui com essa temática (LASTRES et al., 2005 p. 405):

O conhecimento tem novas características, especialmente a sua crescente importância econômica e a “instantaneidade” de suas aplicações; a inovação, movida por essas características do conhecimento, é constantemente acelerada, contribuindo significativamente para a desestabilização e a mudança.

Na situação de globalização, por seu turno, deixou-se de valorizar as soluções padronizadas ou massificadas, para se focar atenção numa maior diferenciação. Destaque-se que os negócios cada vez mais levam em conta as especificidades dos indivíduos (customização do consumo), das profissões e atividades, assim como das organizações e dos territórios. Nesse processo, os conhecimentos específicos/tácitos incorporados nas pessoas, organizações e territórios também são dotados de grande valor, especialmente porque não são facilmente transmissíveis (LASTRES et al, 2005).

O conhecimento construído nas organizações e territórios vem sendo infinitamente mais valorizado que os bens materiais, pois não se deprecia pelo uso e seu consumo não o destrói. Quando compartilhado com outras pessoas ele se amplia, se aprofunda e se enraíza no lugar. O conhecimento se torna assim, abundante e inesgotável.

Diferentemente do conhecimento tácito, o conhecimento explícito é elaborado e organizado sistematicamente, seja como conhecimento técnico ou científico. Segundo Sveiby (1998), a transmissão do conhecimento explícito é facilmente aplicável já que a sua forma é estruturada e planejada. Existem inúmeras formas de transmissão, através de livros, palestras, artigos, jornais, revistas, apresentações audiovisuais, manuais, entre outros. No entanto, produzir conhecimento de forma interativa exige um aprendizado coletivo constante.

1.1.2 Aprendizado coletivo na produção interativa do conhecimento

O conhecimento interativo que leve em conta o conhecimento tácito e o explícito (técnico e científico) é dotado de grande importância na harmonização do acelerado conhecimento explícito facilmente disponibilizado com os conhecimentos específicos das organizações e dos territórios.

Desse ajuste vem dependendo em grande parte a sustentabilidade dessas diferentes unidades planetárias e do próprio planeta. Desse modo, a palavra chave para disseminar o conhecimento é compartilhar. Davenport & Prusak, (1998) afirmam que o compartilhamento pode ser informal quando é realizado de forma não estruturada, conversas nos corredores das empresas. Mas também pode ser formal, quando é passado de forma planejada, direcionada e estruturada como nos treinamentos, livros e recursos audiovisuais entre outros.

Segundo Albagli e Maciel (2002), vive-se ao mesmo tempo a “Era do Conhecimento e do Aprendizado”, momento em que o destaque vem sendo atribuído à parcela do conhecimento produzido e enraizado no ambiente territorial, por meio de processos interativos (indivíduos, organizações e instituições).

Vive-se na era da “economia do aprendizado”, isto porque se vivencia constante evolução, aprendendo e interagindo com o mundo, dando mais ênfase ao

processo do que propriamente o resultado. Esta nova era estimula muito mais, portanto, a criação, aquisição, transformação, acumulação, difusão, compartilhamento e distribuição do conhecimento (LASTRES et al, 2005).

Para Lastres et al (2005) as atividades geradoras de conhecimento hoje, são aquelas em que os conhecimentos tácito e explícito são compartilhados. Envolve a construção infinita da capacidade de adquirir conhecimento via pesquisa com a de aplicar criativamente o que foi aprendido, como também de oportunizar processos interativos entre diferentes atores para busca de soluções a um determinado problema.

Ainda que a difusão da informação como conhecimento explícito se dê em todo globo terrestre, são os países que promovem o aprendizado interativo em suas organizações e território aqueles que mais ampliam o conhecimento e usufruem dele de forma mais ajustada a cada especificidade (LASTRES et al, 2005).

De acordo com essas autoras, o mundo atual dos ricos e pobres se divide em função da presença de um aprendizado interativo mais rico ou mais pobre. São países subdesenvolvidos aqueles que não constroem espaços de aprendizado interativo. Estes revelam tendências ao “desaprendizado”. Para essas autoras, a educação e a inclusão digital não são suficientes se as pessoas não tiverem a oportunidade de criar e aplicar o que foi aprendido em atividades reais na solução de problemas cotidianos. Evitar situações de “desaprendizado” requer força de vontade não só dos governantes, mas também dos atores locais.

É fundamental nos dias atuais procurar colher bons frutos dos espaços de aprendizado interativos que existem em todos os continentes, países, regiões e comunidades locais e ao mesmo tempo, estimular a criatividade para se avançar em direção a modelos mais sustentáveis em acordo às especificidades.

Esse compartilhamento, segundo Nonaka e Takeuchi (1997), é realizado num processo interativo e espiralado. No primeiro caso, a interação dos atores envolvidos contribui para aprofundar o conhecimento de forma sinérgica, exponencial. A interação implica em processos de conversão do conhecimento explícito em tácito e vice-versa. Mas esse processo por sua natureza sistêmica também se desenvolve em espiral, tendendo a se ampliar do indivíduo ao grupo,

desse às organizações e coletividades de territórios locais para ainda se avançar para escalas cada vez mais amplas.

A conversão pelo processo interativo, segundo Nonaka e Takeuchi (1997), ocorre de quatro maneiras: (1) Combinação (explícito x explícito); (2) Externalização (tácito x explícito); (3) Socialização (tácito x tácito); (4) Internalização (explícito x tácito). As duas primeiras dizem respeito à construção e ampliação do conhecimento explícito e as duas últimas ao conhecimento tácito. Nesse processo acontece a criação de novos conhecimentos, pois nele são estimulados os *feedbacks*, adequações e as práticas de novas habilidades (Figura 1).

Na combinação, conhecimentos explícitos/ sistematizados interagem de forma interdisciplinar. Convertem-se, segundo Nonaka e Takeuchi (1997) em conhecimento sistêmico. Essa combinação pode ocorrer por meio de treinamentos, *workshops*, palestras, pesquisas conjuntas e interdisciplinares, redes de comunicação.

A externalização consiste na conversão de conhecimento tácito em conhecimento explícito/ sistematizado. O conhecimento prático toma a forma de conhecimento conceitual, teórico. Nesse processo interativo, quem detém o conhecimento específico procura externalizar o que sabe, de modo a torná-lo mais acessível a todos. No esforço de explicitação é comum se fazer uso de linguagem figurada, metáfora, analogia.

A internalização, por seu turno, diz respeito à assimilação do conhecimento organizado e acessível (informação, aulas, palestras, documentos, livros, manuais, novas tecnologias), para convertê-lo num conhecimento operacional, seja numa competência, habilidade, ou destreza. É, portanto, o processo de conversão de teoria em prática, ou seja, de conhecimento explícito em conhecimento tácito. Uma das formas de assimilar o conhecimento explícito em uma dada tecnologia é fazendo uso dela, ou seja, “aprender usando”.

O aprendizado, segundo Albagli e Maciel (2004), não se limita a acessar um tipo de informação. É preciso fazer uso dessa informação para conseguir construir competências e habilidades para suas práticas. Nesse processo, a informação transforma-se em conhecimento.

Aprender para inovar, implica práticas interativas, com múltiplas dimensões, com diferentes tipos de agentes e de instituições, envolvendo conhecimentos de naturezas diferentes e cujo objeto (a própria inovação) também é um condicionante dessas práticas (VILLASCHI FILHO, 2002, p.24).

A sociabilização diz respeito à interação entre conhecimentos tácitos. Permite a ampliação do conhecimento operacional específico por parte do ator que aprende. Ocorre por meio do compartilhamento direto de experiências vividas pelo outro que conhece. Nessa situação de convívio direto um ator pode incorporar parte do conhecimento tácito detido pelo outro, mesmo sem fazer uso da linguagem.

Figura 1: Formas de conversão e espiral do conhecimento.



Fonte: Nonaka e Takeuchi, 1997.

Algumas dessas formas podem ser a observação direta de uma demonstração por exemplo, ou simplesmente por imitação das práticas do outro. Podem ainda exigir o agir diretamente com o objeto ou a situação. Desse modo, um ator pode aprender a operar uma máquina, aplicar uma vacina, adotar uma nova forma de plantio, um processo de gestão, ou uma forma de operar no mercado. Esse processo envolve não só mente (novas estruturas mentais) como o próprio corpo (comportamentos, gestos), sendo assimilado como competência, habilidade técnica, ou modelo mental.

De acordo com Nonaka e Takeuchi (1997, p. 9) o aprendizado mais poderoso vem da experiência direta. A criança aprende a comer, andar e falar através de tentativa e erro; aprende com o corpo não apenas com a mente.

Essa conversão é mais complexa, na medida em que implica em relação interpessoal mais intensa. Afinal se trata da transmissão de um conhecimento específico de um ator, adquirido ao longo de uma profunda e ou longa experiência anteriormente vivida. A dimensão tácita do conhecimento é muito maior do que a dimensão explícita e muito mais difícil de ser transmitida integralmente. Para algumas formas operacionais, esse aprendizado pode exigir muito tempo.

1.1.3 Aprendizagem Interativa e inovação territorial em desenvolvimento local

O processo de desenvolvimento no atual mundo em rede depende, cada vez mais, da capacidade dos atores em aprender por processos interativos, de modo a poder inovar constantemente, na busca de soluções adequadas ao seu território vivido (LE BOURLEGAT, 2011). Nesse sentido, tem sido fundamental a constituição de eventos que oportunizem processos interativos de aprendizagem e disseminação do conhecimento.

O processo de integração de várias fontes de conhecimento, segundo Villaschi (2010) tem sido facilitado em ambientes nos quais os atores vivenciam proximidades geográficas ou outras formas do encontro “face a face”, ou seja, onde ocorra o encontro físico.

As formas de aprendizado interativo podem ocorrer, tanto durante o processo produtivo ou de comercialização, como por meio de outras formas de interação com indivíduos e organizações. Pode-se aprender ainda num processo interativo de pesquisa ou por simples imitação.

A aprendizagem resultante da experiência dos sujeitos ou organizações no próprio processo produtivo, foi caracterizada por Villaschi (2010), Lemos (2000) e Albagli & Maciel (2002) como uma forma de “aprender fazendo”. Em realidade, esses conhecimentos na abordagem interacionista são construídos na relação direta do sujeito com a realidade vivida e com indivíduos com os quais se comunica e em acordo à cultura e nível de intelectualidade existente.

A repetição desses atos aprendidos pela experiência, ou seja por meio do “aprender fazendo” ajuda a identificar, reconhecer e generalizar o conhecimento, assim como a desempenhar cada vez melhor a mesma tarefa.

O “aprender usando”, segundo os mesmos autores acima citados, também pode ocorrer no processo de comercialização e por meio do uso do objeto ou novo procedimento adquirido. A interação ocorre, nesse caso, entre o indivíduo que vende e informa a novidade e o indivíduo que compra o bem ou o serviço e o usa. Nessa situação, o consumidor “aprende usando”, em acordo às informações que obteve ao interagir com seu fornecedor e depois com o produto.

Já o “aprender pesquisando” supõe interação dos indivíduos ou organizações com os conhecimentos já adquiridos e sistematizados de outros autores (livros, textos, manuais técnicos) e com o próprio objeto de pesquisa. Esse aprendizado contribui para trazer soluções técnicas e organizacionais (ALBAGLI; MACIEL, 2002).

A troca interativa se enriquece quando atores produtivos (indivíduos ou organizações) ampliam a interatividade em cooperação com atores de diversas naturezas, sejam de governamental, privada, não governamental, que atuem como fornecedores de bens ou serviços, usuários, consultores técnicos, licenciadores e certificadores, formadores, capacitadores, palestrantes, concorrentes, formulação de políticas, regulação, entre outros. Villaschi (2010), Lemos (2000) e Albagli e Maciel (2002) chamam esse processo de “aprender interagindo por cooperação”.

O aprendizado interativo, em acordo ao que afirmam Albagli e Maciel (2002), não se limita a acessar um tipo de informação, mas com essa informação conseguir construir competências e habilidades para suas práticas. Esse campo de saber, construído como visão compartilhada e um raciocínio sistêmico, surge como vantagem competitiva de um território.

Com efeito, o aprendizado interativo tem sido considerado fator de alavancagem da competitividade e do desenvolvimento socioeconômico local, no enfrentamento dos constantes desafios gerados no atual mundo em rede. A capacidade de produzir novo conhecimento é tão importante quanto a capacidade de processar e recriar conhecimento, por meio do aprendizado interativo.

1.1.3.1 *Inovação: processo localizado e sistêmico*

A inovação, segundo Schumpeter (1982) consiste no processo de gerar novo produto, nova forma de produzi-lo, nova fonte de matéria-prima ou ainda uma nova forma de organização. Trata-se de um fenômeno sistêmico e localizado, que emerge em contextos favoráveis. A inovação manifesta-se em um dado lugar, por alguma iniciativa interna, fruto de uma série de combinações e responde a uma forma de adaptação às mudanças ocorridas no entorno. Ela se dá no âmbito de quem produz e seu impulso revoluciona incessantemente a estrutura a partir de dentro, destruindo o velho e construindo o novo.

Compreende-se que a inovação tem natureza endógena e que não se manifesta como um fenômeno isolado, como também tende a se disseminar no meio em que foi gerado, mediante complexas interações entre indivíduos (ou empresas) e organizações.

Ainda que localizado, esse fenômeno tende a se disseminar por processos interativos tanto na atividade como no espaço. Na economia, a mudança deflagrada num ambiente específico de uma empresa de determinado ramo pode se disseminar e atingir o setor econômico por inteiro, como pode avançar do espaço local para o regional e o nacional e mesmo internacional.

O sistema setorial de inovação e produção é entendido, por Vargas e Zawislak (2006) como um conjunto de produtos de usos específicos, assim como de agentes, num ambiente de interações mercadológicas e não mercadológicas, que favorecem tanto a criatividade inovadora como a produção e venda destes produtos. Os agentes fundamentais desse processo interativo são as empresas envolvidas com as atividades de produção e inovação.

Segundo Vargas e Zawislak (2006) a definição concreta desse sistema de inovação no setor, iniciada pela interação de empresas, efetiva-se mediante apoio de várias outras organizações não-empresariais ou sem fins lucrativos. Entre elas estão as universidades, centros de pesquisa, escolas técnicas e de capacitação, órgãos governamentais e não-governamentais, entre outros.

Importante ressaltar que esse processo endógeno e sistêmico da inovação depende de informações externas ao local, cuja incorporação como conhecimento

depende de conhecimentos já existentes no ambiente local. Os processos inovativos, conforme afirmam Vargas & Zawislak (2006), são facilitados quando já existe no território local um relativo acúmulo de conhecimento a respeito das informações disseminadas.

Também para Nonaka e Takeuchi (1997), a inovação se produz na interação com o ambiente externo, mas depende do nível de conhecimentos internos para absorver as informações. Mediante conhecimento interno, os atores de um dado lugar conseguem incorporar informações externas para gerar mudanças adaptadas às especificidades das circunstâncias, de forma a dar soluções a problemas existentes. Desse modo, recriam seu meio, para se adaptar ao ambiente mutável no qual este se insere.

1.1.3.2 *Desenvolvimento local num processo de inovação territorial*

O conhecimento enraizado num território, quando construído por processos interativos, habilita seus atores a conduzir processos inovadores sistêmicos na transformação da realidade. O desenvolvimento, nessa abordagem sistêmica, é visto como um processo, uma dinâmica e, não um fim ou como uma nova estrutura, como foi concebido na Era Industrial, permeada da razão instrumental. Ele se constitui no próprio processo sistêmico de mudança. O fim esperado diz respeito ao cenário de futuro desenhado pela sociedade. É esse novo cenário que coloca em processo uma série de mudanças capazes de produzir os devidos ajustes.

A iniciativa é local, portanto, expressa-se num processo de mudança interna, deflagrado como sistema aberto, capaz de incorporar informações externas e disseminar as novidades produzidas para novas atividades e expandi-las no território. As forças combinadas num dado local são produzidas numa interação com seu entorno, mas depende de um conjunto de conhecimentos já enraizados, ou tácitos, para poder absorver informações novas como novo conhecimento e colocar as mudanças em marcha.

O desenvolvimento local é visto como um processo multidimensional. Ele não atinge apenas a dimensão econômica, mas o conjunto de dimensões do território vivido, tais como a dimensão humana, social, cultural, política. Emerge,

segundo Ávila (2006) num movimento deflagrado de forma coletiva, por meio de capacidades, competências e habilidades construídas.

O ambiente de interações, ao ser potencializado pelas práticas, contribui para o estabelecimento de um campo de saber, enraizado num determinado número de pessoas do lugar, em forma de capacidades, competências e habilidades (ALBAGLI; MACIEL, 2002). Esse campo de saber constitui o conhecimento tácito enraizado em cada coletividade.

Para Ávila (2000), essas capacidades, competências e habilidades são construídas em coletividades de mesma identidade cultural, em interação com atores de coletividades externas. As competências e habilidades potencializam os atores locais a agenciar e gerenciar os recursos disponíveis para solução de seus problemas, necessidades e aspirações, portanto, ampliam seu poder de transformação e de autonomia.

O desenvolvimento local, segundo Campanhola e Silva (2000) é um processo endógeno, que nasce de forças internas da sociedade para gerenciar e tomar decisões sociais, que se revelam na capacidade coletiva para aprender e inovar. Depreende-se dessa afirmativa que o aprendizado coletivo constante pode assegurar a cada coletividade, o papel de protagonista nas ações e decisões que se fazem ajustadas à realidade, na conquista de aspirações conjuntas.

Essa nova noção de desenvolvimento própria do Terceiro Milênio, apresenta uma dinâmica social associada ao território vivido e tem como base a rede interativa de atores (BARQUERO, 1999). Tem suporte na cultura e conhecimento específicos, construídos em cada contexto territorial.

Na versão de Raffestin (1993), o território é fruto de construção de uma rede de atores que se comunicam entre si para agir movidos por um projeto comum. Por meio da estratégia contida nesse projeto coletivo, tais atores se apropriam da realidade por eles construída e com ela interagem. Cada projeto é obrigatoriamente dotado de um tipo de conhecimento e de prática.

Desse modo, cada rede de ação coletiva deixa no território construído e apropriado as marcas de uma forma de trabalho, de energia construída no campo de relações e de conhecimento coletivo nele enraizado. Como reflexo multidimensional das experiências vividas pelo conjunto de atores que se comunicam interativamente,

essas marcas objetivas e subjetivas que marcam um dado território constituem para esse autor a territorialidade. A territorialidade reflete as experiências vividas por uma rede de atores interativos, seja no processo e no produto do território construído.

O território vivido é visto por Le Bourlegat (2011), como o lugar em que a “vida acontece”, como realidade concretamente vivida pelos sujeitos. Ele se constrói por uma rede articulada de atores que sabem refletir e aprender juntos a realidade vivida com apoio das instituições locais. Dessa articulação emerge a inteligência coletiva capacitada a oferecer soluções criativas na manutenção da sustentabilidade da vida no território e que tem como principal suporte o conhecimento.

De acordo com Barquero (1999) o desenvolvimento local de âmbito territorial tem como suporte principal a capacidade de aprendizagem e reflexão constante dos atores que o vivenciam. As competências coletivas baseadas no conhecimento, portanto de natureza imaterial, são considerados recursos mais fundamentais que os materiais na construção de estratégias de desenvolvimento territorial. Esses recursos emergem da cultura particular de um dado território e tem potencialidade na interação mediante novos conhecimentos incorporados para gerar soluções inovadoras constantes e apropriadas às especificidades locais.

Ainda que se conheça as categorias conceituais já sistematizadas a respeito do papel que a produção coletiva do conhecimento exerce por meio de processos interativos no desenvolvimento local em contexto territorial, torna-se relevante identificar na cultura de cada território, como efetivamente se expressam essas interações. É necessário detectar os espaços e os eventos interativos mais utilizados nessa prática. Eles vão se diferenciar em função das especificidades da cultura territorial do Município e região e também da atividade desenvolvida.

O objeto geral da presente pesquisa já apresentado na introdução desse trabalho se baliza nessa necessidade de detectar espaços interativos na construção de um conhecimento coletivo que vem se produzindo a respeito do agronegócio em Campo Grande e região. A Expogrande apresenta indícios de um evento que à primeira vista, parece se fortalecer nessa tendência de promoção do aprendizado interativo entre os atores envolvidos, capaz de dinamizar processos de inovação no setor.

1.2 REFERENCIAL METODOLÓGICO

O objetivo aqui é apresentar a natureza da pesquisa e o referencial metodológico adotado para sua realização, desde o método de pesquisa e abordagem aos procedimentos básicos no processo de coleta, organização e interpretação dos dados.

1.2.1 Método de Pesquisa

A presente pesquisa parte do método hipotético-dedutivo. Nesse caso, enuncia um problema e uma hipótese explicativa. Essa hipótese é submetida a testes e evidências por meio de dados e informações subjetivas coletados da realidade, que podem ajudar a comprová-la ou falseá-la.

Neste contexto, é relevante identificar e analisar, no âmbito da estrutura e dinâmica da Expogrande, como também na percepção dos organizadores e frequentadores do evento, as atividades potenciais disseminadoras e produtoras de conhecimentos indutores de inovações ajustadas às crescentes necessidades da agropecuária desenvolvida em território local.

Foram formuladas duas hipóteses baseadas em evidências originárias de informações que estão acessíveis no meio. A primeira é a de que a Expogrande, como importante espaço de interações no território local, possa estar sendo dotada de uma multifuncionalidade, incluída a nova função que é a de disseminação de informações técnica e científica.

A segunda hipótese é a de que esse processo de disseminação de novas informações, pelo modo como ocorre, propicia processos de aprendizagem coletiva no setor, facilitados por vários tipos de interação dentro do evento. Os visitantes que têm oportunidade de vivenciar esses processos interativos com os órgãos e empresas que detêm conhecimento técnico científico de vanguarda tendem a utilizar a novidade de forma ajustada à sua realidade.

1.2.2 Natureza da Pesquisa

Quanto aos fins, a pesquisa pode ser considerada exploratória, descritiva e interpretativa. A pesquisa é Exploratória porque tem como finalidade investigar, por meio de uma pesquisa empírica e teórica, os problemas apresentados em relação ao tema em questão.

Segundo Gil (2002, p. 41) a pesquisa exploratória “tem como objetivo proporcionar maior familiaridade com o problema, com vistas a torná-lo mais explícito ou a construir hipóteses”. Tem como objetivo principal o aprimoramento de ideias e a descoberta de intuições.

A pesquisa também é descritiva porque procura descrever características, percepções e expectativas do tema e do ambiente analisado, estabelecendo assim relações entre as variáveis apresentadas. Esse tipo de pesquisa é caracterizado por possuir objetivos bem definidos, procedimentos formais, ser bem estruturada e dirigida para soluções de problemas.

A “pesquisa descritiva”, tem como objetivo principal a descrição das características de determinada população ou fenômeno ou, então, o estabelecimento de relações entre variáveis”. Uma das características mais significativas dessa pesquisa está na utilização de técnicas padronizadas de coleta de dados, como o questionário e a observação sistemática (GIL, 2002, p. 42).

Finalmente, a pesquisa também é Interpretativa porque nela se prevê interpretação, tanto dos dados primários ou secundários, como das experiências do próprio pesquisador e, sobretudo, da percepção dos atores que se pretende entrevistar durante a pesquisa. Nesse caso, o pesquisador tenta interpretar a realidade tal como ela é percebida e vivida por quem dela faz parte.

1.2.3 Método de Abordagem da Pesquisa

A presente pesquisa foi elaborada e está sendo interpretada, numa abordagem sistêmica, buscando-se a inter-relação e interdependências entre os fenômenos estudados.

1.2.4 Procedimentos Metodológicos

Toda pesquisa requer a descrição dos procedimentos metodológicos para esclarecer ao leitor a sua natureza, as técnicas de coleta, tabulação e de análise utilizadas, bem como suas imitações. Os procedimentos metodológicos constituem os meios da pesquisa.

Na visão de Lima (2004, p.37) diferentes tipos de pesquisa abrigam um conjunto de técnicas de coleta de materiais que funcionam como instrumentos confiáveis possibilitando ao pesquisador sistematizar o processo de localização, coleta, registro e tratamento dos dados e informações julgados como necessários à fundamentação das descrições, discussões, análises e reflexões à medida que permitem ao pesquisador dispor de referencial indispensável para a fundamentação da solução do problema investigado.

A presente pesquisa, tendo em vista o problema, a hipótese e os objetivos anteriormente colocados, pretende seguir os seguintes procedimentos:

1.2.4.1 Pesquisa bibliográfica e documental

A revisão bibliográfica consiste em procurar, no âmbito dos livros, dissertações, teses e artigos, as informações necessárias para progredir na investigação do objeto de pesquisa. Para Lima (2004), a pesquisa bibliográfica consiste em localizar e consultar fontes diversas de informação escrita a respeito do tema de interesse do pesquisador.

Coleta de dados em fontes primárias: serão pesquisados documentos escritos, estatísticos, cartográficos e de imagens;

1.2.4.2 Pesquisa de Campo e Exploratória

Coleta de campo (fontes primárias): deve consistir nas informações coletadas diretamente na realidade vivida do objeto de pesquisa, por meio de observação direta do pesquisador, que pretende se inserir no cenário da Expogrande, identificando o material exposto e os vários eventos que fazem parte da mesma,

como também interagir com os expositores e frequentadores da Expogrande. A pesquisa de campo pressupõe a apreensão das variáveis investigadas, exatamente onde, quando e como ocorreram.

Os principais procedimentos metodológicos previstos foram:

1- Coleta, realizada de forma sistematizada e registrada, de forma escrita (diário de pesquisa) e fotografada, numa observação participante;

2- Entrevistas feitas a expositores e frequentadores da Expogrande, de modo a se apreciar suas impressões e percepções a respeito do evento;

3- Organização e Tabulação dos dados e informações coletadas;

4- Análise e interpretação dos dados organizados e tabulados com apoio das teorias e categorias conceituais anteriormente selecionadas. Nesse último procedimento, existe a preocupação em articular essas informações organizadas em seu devido contexto para serem descritas e interpretadas à luz do referencial teórico, a ser aprofundado com apoio da revisão bibliográfica.

A observação participante serviu para ajudar a registrar a estrutura e dinâmica da Expogrande, especialmente na forma como foi configurada e dinamizada nos eventos de 2013 e 2014. Consistiu em registrar e fotografar o evento, assim como participar dos seus vários ambientes, de forma a observar as dinâmicas de interesse do objeto dessa pesquisa. O interesse maior voltou-se, nesse caso, para observação da estrutura dos ambientes dos leilões, estandes de expositores e de outras organizações parceiras, com atenção ao comportamento interativo de seus participantes.

As entrevistas (Apêndice I) foram especialmente preparadas para os organizadores da Expogrande e para os frequentadores das sessões destinadas à produção e disseminação de conhecimentos agropecuários. Portanto, não foram aplicados questionários aos participantes dos ambientes dos leilões e dos estandes. A pesquisa também não teve como objeto de observação sistematizada os frequentadores de ambientes preparados ao grande público, tais como o de lazer e gastronomia, sejam aqueles destinados a rodeios, shows, restaurantes, parque de diversões.

Foram realizadas entrevistas semiestruturadas em 2013. Um modelo foi destinado ao organizador do Ciclo de Palestras e 5 palestrantes. O outro foi aplicado a 63 frequentadores Expogrande. Em 2014, um modelo de entrevistas foi aplicado novamente ao organizador de palestras e cinco palestrantes e o outro a 74 frequentadores.

Os dados coletados foram tabulados e organizados, em acordo ao atendimento da estrutura de relatório pensada para o relatório, no segundo e terceiro capítulo. No segundo, os dados documentais, estatísticos e bibliográficos se voltaram para o entendimento do contexto histórico e de Campo Grande, de manifestação do evento e de sua estruturação. No capítulo três, a atual estrutura e dinâmica foi interpretada com apoio dos dados obtidos das observações diretas (observação participante e questionários) e complementados por fontes secundárias, à luz das teorias e categorias conceituais previamente selecionadas.

2 TERRITORIALIZAÇÃO DA EXPOGRANDE NO CONTEXTO DO SETOR AGROPECUÁRIO DE CAMPO GRANDE/MS

O objetivo desse capítulo é apresentar a territorialização da Expogrande no contexto de Campo Grande e do setor agropecuário.

2.1 TERRITORIALIZAÇÃO DA EXPOGRANDE EM CAMPO GRANDE/MS

A territorialização do evento que hoje leva o nome de Expogrande foi construída por uma rede de atores na pactuação de um projeto comum na atividade exercida no meio rural no contexto de Campo Grande e região, mas que foi conhecendo transformações, quando novos contextos foram emergindo ao longo desse processo histórico.

2.1.1 Origens da Feira de Amostra do gado associada à festa

A década de 1930 iniciava-se com grande crise econômica no Brasil, o café era o maior produto agrícola brasileiro de exportação e caía vertiginosamente. Getúlio Dornelles Vargas assume a presidência da república e começa a governar o país de forma centralizadora e ditatorial. Neste período turbulento, o estado de Mato Grosso também enfrentava uma forte crise financeira. Ao tentar sair do vermelho, contraiu um empréstimo com a companhia Mate Laranjeira, que representava mais de 80% de sua receita (LE BOURLEGAT, 2000).

Ainda que o contingente populacional não fosse tão expressivo, o nível de urbanização de Campo Grande, na década de 30 do século XX, superava de longe aquele da região e mesmo brasileiro. O intenso crescimento da população resultava de movimentos migratórios de origem regional, nacional e até internacional. O Brasil vivia o Estado Novo, de regime autoritário, quando se deu início o processo de industrialização, por meio de substituição de importações (LE BOURLEGAT, 2000).

2.2.1.1 *Campo Grande no contexto do país na década de 30 do século XX*

A cidade de Campo Grande, por meio de um processo de colonização por dirigida pelo Estado, por famílias mineiras, começou a ser construída desde 1877, como um arraial, tendo sua emancipação política em 1899 três meses antes da Proclamação da República (RODRIGUES, 1980).

Campo Grande de Vacaria foi se tornando o lugar preferido dos boiadeiros, viajantes e negociantes de toda espécie (RODRIGUES, 1980). Segundo esse autor que cita Eduardo Olímpio Machado, em 1908, quando saiu a notícia de projeto rodoviário que ligaria Campo Grande, a pecuária já se constituía em atividade de grande destaque, levada a efeito pelos fazendeiros recém-chegados.

A maior riqueza do município é a indústria pastoril. Nos seus magníficos campos pastam aproximadamente 500.000 cabeças de gado e 100.000 cavalos. A criação de muare, lanígeros ainda é insignificante. Anualmente são exportadas para as terras de Minas Gerais e São Paulo de 45 a 50.000 bois. O município exporta também para a praça de Corumbá, quantidade regulares de couros vacuns secos, crina e um pouco de borracha mangabeira. Nas proximidades da vila estão as propriedades rurais, vastíssimas fazendas, verdadeiros latifúndios, ocupados em comum por vários condôminos. Há umas duzentas e tantas fazendas de criação, situadas em terras de domínio particular, abrangendo uma área de mais de dois milhões de hectares (RODRIGUES, 1980, p.112).

Após a implantação da estrada de ferro de ligação com os mercados de consumo e aos portos de exportação do Atlântico, a posição de tronco rodoferroviário e de entreposto comercial mais importante do Estado possibilitou que Campo Grande se inserisse ao novo polo industrial (LE BOURLEGAT, 2000). O dinamismo da industrialização na região de São Paulo havia repercutido em Campo Grande, impulsionado pela ampliação do mercado da carne bovina e viabilizado pela passagem da ferrovia.

Além da demanda nacional crescente, o mercado local e regional havia sido ampliado, em função do enriquecimento dos fazendeiros e do segmento social vinculado ao comércio e serviços e à agricultura familiar, aprofundada pela demanda internacional de carne durante a Primeira Guerra Mundial. A ampla demanda por carne bovina que atribuía forte dinamismo econômico à cidade era fruto, portanto,

dessa conjugação do mercado local, regional, nacional e internacional (LE BOURLEGAT, 2000).

A cidade que recebeu o pessoal do Exército desde 1914, desde os anos 30 do século XX, passou a abrigar, entre outros, o comando da 9ª Região Militar, a Diretoria da Estrada de Ferro Noroeste do Brasil, a Diretoria Regional dos Correios e Telégrafos. Essa nova condição associava à função econômica, aquela de comando político e militar, que repercutia na ampliação da demanda interna local por bens e serviços, tanto em quantidade, quanto em diversificação e qualidade.

Em paralelo à importância que ganhava o mercado local, os fazendeiros e o segmento social ligado ao comércio e serviços e os pequenos produtores rurais foram se enriquecendo. Esse dinamismo, por outro lado, passou a representar oportunidade de negócios também para os pequenos comerciantes e artesãos que afluíam de Corumbá, Nioaque, Cuiabá e mesmo de São Paulo, entre eles, árabes (sírios e libaneses), gregos, turcos, armênios, italianos, portugueses e espanhóis. Nos anos 40, Campo Grande tornara-se a maior cidade do então estado de Mato Grosso e do Centro-Oeste (LE BOURLEGAT, 2000).

Esse processo de dinamismo econômico e populacional, por forte abertura de mercado, deram-se num contexto nacional de primeiras preocupações com o planejamento e organização social e econômica, sob presença e comando de militares nacionalistas desenvolvimentistas. O Estado Novo tinha como preocupação organizar as várias atividades brasileiras existentes por meio de sindicatos, vinculados ao governo federal (ARANTES, 2008).

Em 15 de janeiro de 1931 emergia em Campo Grande o “Centro de Criadores de Mato Grosso”, organizado por um tenente do Exército. O objetivo foi amparar e fomentar a pecuária do então estado de Mato Grosso, de forma coletivamente organizada. A criação desse centro ocorreu durante o curto período (1930-31), em que o referido tenente se encontrava na condição de prefeito interventor de Campo Grande (ARANTES, 2008).

Campo Grande, na década de 1930 já contava com aproximadamente 12 mil habitantes e desde a época do seu desbravamento sempre esteve mais ligada aos estados e países vizinhos do que a sua própria capital, Cuiabá, muito distante e de difícil acesso. Com a chegada da estrada de ferro em 1914, fortaleceu ainda mais

a relação do sul de Mato Grosso que se distanciava cada vez mais da região norte do estado.

A pecuária, na época, contava com 250.000 cabeças de bovinos e 8000 de equinos (ARANTES, 2008). As principais ações desse Centro de criadores foram no sentido de promoção de palestras de técnicos sobre a saúde animal, solicitação de maior quantidade de trens para escoar o gado para exportação, parceria com o Banco do Brasil para operações bancárias e abatimentos de fretes dos produtos para pecuária.

A primeira feira de Amostras de Mato Grosso foi realizada no Colégio Oswaldo Cruz, em 26 de agosto de 1933, aniversário de Campo Grande, por iniciativa do Coronel Newton Cavalcanti, comandante da Circunscrição Militar de Campo Grande. Foi visto grande acontecimento na história da cidade.

Esplendido foi o resultado desse empreendimento, mostrando ao povo, do que se é capaz de produzir. [...] O gado deu apenas uma amostra da nossa possibilidade, expostos que foi ainda peludo, magro e brabo; lindos porcos expostos pela colônia japonesa; soberbos galináceos arrancando exclamações de admiração soberbos galináceos arrancando exclamações e admiração da população (ARANTES, 2008, p.16).

Em 1934, o Centro de Criadores do Sul de Mato Grosso foi transformado em “Sindicato dos Criadores do Sul de Mato Grosso”. No entanto, por questões puramente políticas a Feira de Amostras não pode ser realizada durante seis anos. Mesmo assim, o sindicato continuou lutando para buscar os meios adequados de promoção comercial do seu produto e da evolução genética do rebanho.

Ainda como fruto do esforço nacionalista e desenvolvimentista de militares do Exército, presentes em Campo Grande, a II Feira foi realizada em 8 de junho de 1940, no terreno do quartel C.P.O R. Tratava-se de um local onde funcionava o Cassino Parque Balneário, localizado à rua Joaquim Murtinho, mais tarde transformado em Quartel da Polícia do Exército (MACHADO, 2008). Nesse local, ainda foram realizadas mais 5 Feiras de Amostras até 1944 (ARANTES, 2008).

2.2.1.2 Feira de Amostra: o Leilão e Festa

Campo Grande usufruía no final dos anos 30 e início dos anos 40, conforme já apontado, o *status* de maior cidade do Centro Oeste. Machado (1991, p.60) ressalta que a Campo Grande dessa época sempre teve ares de cidade rica. A circulação do dinheiro proveniente dos negócios de gado, todos realizados aqui, ensejava certo padrão de vida que as demais cidades jamais tiveram.

Os pequenos empreendimentos que se voltavam ao abastecimento do mercado interno e regional, conforme assinala Le Bourlegat (2000), também cresceram significativamente durante a década de 30.

Os novos ricos passaram a enviar seus filhos para estudar em universidades de São Paulo e Rio de Janeiro, retornando para exercer profissões liberais. Juntando-se a esses comerciantes enriquecidos e aos oficiais militares, passaram a constituir a classe média, não só a principal consumidora urbana de bens e serviços, como a intelectualidade pensante da cidade (LE BOURLEGAT, 2011, p. 262).

Como reflexo dessa situação, nesse período tornou-se intensa a demanda por serviços como educação e saúde, gerando conflitos com a capital cuiabana. Também surgiram demandas de serviços muito específicos, gerando oportunidade, por exemplo, para a instalação já em 1937, da primeira agência aérea para linhas comerciais. Pertencente à Companhia Aérea Sindicato Condor, essa agência permitia a presença de aviões médios bimotores, na ligação com São Paulo e Cuiabá (MACHADO, 1991).

Os novos intelectuais no exercício de profissões liberais, comerciantesenriquecidos e contribuíram na reprodução dos hábitos da elite urbana da época, organizando-se em torno de clubes, lojas maçônicas e Rotary Club, enquanto os militares se reuniam em clube próprio - Círculo Militar (LE BOURLEGAT, 2000). Todos esses segmentos desenvolveram o gosto pelas corridas de cavalo, sessões de cinema salão de cinema e leitura de jornais urbanos, contribuindo para a proliferação desses serviços.

Nesse ambiente de euforia e dinamismo do início da década de 1940, a realização da feira foi entregue a uma empresa concessionária. Esta realizou, segundo Machado (2008), a construção de mangueiros e do prédio do Cassino.

Nessa segunda edição da feira de 1940, os animais eram expostos em grupos nos currais, para se proceder aos leilões. Reservara-se ainda para a realização desse evento, espaço para dançar, mesas para jantar, palco para *shows* e salões de jogos. Nessa segunda edição, ambientada no contexto acima referido, se estruturava o que acabou virando tradição de longo tempo, ou seja, as sessões de leilão associadas ao ambiente de festa coletiva. No mesmo local e condição foram realizadas mais quatro edições dessa feira (MACHADO, 2008).

Em 1941, o Sindicato dos Criadores do Sul de Mato Grosso ganhou sede própria na região central de Campo Grande. Ali passaram a se realizar reuniões de trabalho e também reuniões sociais. A inauguração da sede deu-se, mediante organização de baile e recepção oferecidos pela elite campo-grandense, liderada pelo então prefeito municipal, ao presidente Getúlio Dornelles Vargas (MACHADO 2008).

Em 1944, o sindicato se transformou em Associação dos Criadores do Sul de Mato Grosso. O grande sonho do sindicato, segundo Arantes (2008), era construir um parque de exposições, que acabou ocorrendo mediante aquisição de 25 hectares da fazenda Bandeira, para a realização permanente da feira. Cedeu 10 hectares para a Sociedade Hípica Campo-grandense, que ali permaneceu até 1981.

Assim, em 1946 foi constituída a Cooperativa Mixta Rural do Sul de Mato Grosso Limitada, com o objetivo de promover o comércio agropecuário. Também ocorriam bailes durante a exposição e era restrito a elite pecuarista.

Na sede nova, além das tradicionais reuniões e dos bailes de gala, é criado o célebre Baile do Grito, um costume da fronteira trazido pelo sócio Edmar Pinto Costa e seus amigos, todos jovens pecuaristas. Nesse baile muitos pares iam vestido a moda das fazendas e se tocavam quase só músicas paraguaias e xotes. Nos volteios das músicas os homens batiam o pé no chão e davam gritos e o baile, bem bailado, corria madrugada a dentro (ARANTES, 2008, p.27).

A sétima edição da feira foi realizada em 1945, em espaço próprio - no então Parque de Exposição Ayres Moura Júnior. A partir de então, a feira passou a receber novo nome de “Exposição Agropecuária e Feira de Amostras de Mato Grosso”. Na elite de pecuaristas, Laucídio Coelho foi considerado na época o proprietário da maior área de terras rurais no Brasil e um dos participantes entusiastas dessa iniciativa, inclusive dos processos de inovação que dela decorriam. Esses foram

alguns dos motivos que levaram a alterar o nome do parque mais tarde para “Parque de Exposições Laucídio Coelho”.

Como se pôde assinalar, a feira buscou associar à mostra de produtos agropecuários, produtos industriais dos quais que a cidade e região já eram potenciais consumidores e daquelas indústrias já presentes no Estado. Tais foram os casos da indústria de bebidas de Corumbá, dos artefatos de couro, das redes e artesanatos de Cuiabá, entre outros produtos de Campo Grande e Três Lagoas (ARANTES, 2008).

Observe-se que a feira já nasceu com natureza multifuncional, ou seja, o de associar os produtos agropecuários e industriais, como também a festa, com a intenção de polarizar produções e frequentadores de âmbito local e regional.

2.1.2 Pós-Guerra: abate local leilão e o entretenimento do público

A Segunda Guerra Mundial repercutiu inicialmente em crise geral do capitalismo. No Brasil, esse momento significou a continuidade do processo de implantação industrial, mas numa busca do mercado de consumo nacional (LE BOURLEGAT, 2000). Essa situação repercutiu no setor pecuário, quando os criadores da região se esforçaram por incorporar a atividade de engorda e abate dentro do próprio Estado. Antes o gado local tinha como destino o Oeste do Estado de São Paulo, e os frigoríficos de abate foram sendo construídos em torno da cidade de São Paulo.

O Problema da venda do gado em pé e o seu transporte até os frigoríficos de São Paulo era um desafio a ser resolvido pelos produtores rurais. Por esforço da Associação dos Produtores de Mato Grosso, foi implantado entre 1947-48, o Matadouro Industrial de Campo Grande S/A, denominado mais tarde Frigorífico Mato-grossense S/A (FRIMA) e depois JBS. O frigorífico permitiu dobrar o número de cabeças na engorda dessa data até 1951 e atribuiu maior dinamismo à pecuária do estado de Mato Grosso do Sul (ARANTES, 2008).

Na década de 1950, conforme aponta Arantes (2008) passou-se a sentir necessidade de divulgação da feira para fora do estado. Por meio da criação de um setor de relações públicas buscou-se na imprensa de São Paulo o principal canal

dessa publicidade. Esse novo mecanismo acabou atraindo para o evento a participação de empresas de fora de Mato Grosso do Sul no então criado pavilhão da indústria, como a Shell Brasil Limited, Cia Química Rhodia Brasileira, Tortuga, entre outras. A feira conheceu um crescimento acelerado do número de animais inscritos e de participação de público. Foi necessário criar um administrador para feira, cargo denominado Comissário Geral da Exposição que permaneceu assim por longo tempo.

A Expogrande ainda é hoje a maior e melhor oportunidade do agronegócio para os produtores rurais de Campo Grande e mesmo para o estado de Mato Grosso do Sul. Contribui na oferta de animais de auto padrão genético e ainda com inovações e tecnologias para o setor agropecuário. Além disso, oferece entretenimento ao público, carregando consigo parte da memória histórica de Campo Grande.

2.1.3 Papel da feira no avanço da fronteira agrícola

Até a década de 1970, o Centro-Oeste brasileiro já tinha se transformado em periferia imediata do pólo industrial de São Paulo e Sudeste de modo geral. Definia-se, a partir de então, por meio do projeto desenvolvimentista do governo federal, baseado em planejamento de base mais científica, nas mãos de governos militares, a preparação do espaço nacional para uma divisão de trabalho no abastecimento do pólo industrial no Sudeste.

Foram criadas para esse fim, as superintendências de planejamento, específicas para cada região. Cada uma delas ficara responsável pela introdução de programas e projetos econômicos de desenvolvimento regional, com base nas funções pré-determinadas.

Em direção do Mato Grosso do Sul, acompanhada pela Superintendência de Desenvolvimento do Centro-Oeste (SUDECO), avançou a expansão da fronteira agrícola, originária do Sudeste. Esse processo foi antecedido, em meados da década de 60 por implantação de uma rede de rodovias-tronco pavimentadas, que cruzaram o atual Estado de Mato Grosso do Sul pelo meio, visando ampliar a captação de alimentos por parte do Sudeste (LE BOURLEGAT, 2000).

O setor pecuário, por meio de incentivos dos programas do governo federal, foi sendo reativado para ampliar as áreas de engorda no planalto e, ao mesmo tempo, para inovar os métodos de criação com pastos plantados e de serviços técnicos visando melhoria genética dos rebanhos, de modo a se obter animais com peso elevado em idade precoce, facilitando assim a transição de um modelo pré-capitalista para modos capitalista de produção no campo (LE BOURLEGAT, 2000).

A expansão da pecuária e da agricultura mecanizada da soja acabou sendo motora do forte dinamismo econômico regional e responsável pela atração de um intenso fluxo migratório vindo de Estados vizinhos, especialmente do Sul do país.

Nesse novo contexto de políticas federais dos anos 60 a 80 do século XX, a unidade Gado de Corte da Empresa Brasileira de Pesquisa Agropecuária (EMBRAPA) instalada em Campo Grande e as exposições de gado promovidas por associações de criadores tornaram-se fundamentais na promoção dessas políticas de inovação tecnológica nas fazendas de gado de Mato Grosso do Sul, especialmente na variedade de pastagens e seleção de rebanho.

Em 1976, a “Exposição Agropecuária e Feira de Amostras de Mato Grosso” foram contempladas com a instalação de um tatersal, intitulado “Dolor Ferreira de Andrade”, este considerado o espaço adequado para a realização dos atuais leilões.

Fez parte do planejamento governamental a separação do atual estado de Mato Grosso do Sul do então estado de Mato Grosso, em 11 de outubro de 1977 foi sancionada a Lei Complementar n 31, pelo presidente Ernesto Geisel. Por essa mesma lei, Campo Grande transformou-se em capital da nova unidade federativa do Brasil.

A cidade foi escolhida por ser considerada o maior pólo econômico da região e localização estratégica dentro do novo Estado. Campo Grande, tinha a maior e melhor infraestrutura, contava com duas universidades - UEMT e FUCMT - sediava região militar e a única base aérea do estado (MACHADO, 2008).

Nesse processo de construção do novo Estado, a Acrissul teve que alterar seu nome para “Associação dos Criadores de Mato Grosso do Sul” e a exposição também passou a ser denominada Exposição Agropecuária de Campo Grande (EXPOGRANDE). Até então, a feira constituía um mecanismo para promover troca de informações entre os pecuaristas e favorecer negócios, na medida em que

conseguiu aglomerá-los durante os dias de evento. Os pecuaristas traziam seu gado, que eram mostrados com argolas, para vendê-los por melhores preços (ARANTES, 2008). Mas a partir dos anos 70, o gado passou a ser vendido por meio de leilões, que ajudaram a aumentar de forma significativa o volume de vendas, pois os lotes passaram a atrair compradores em nível de Brasil (Figura 2).

A Acrissul também se preocupou em promover e viabilizar eventos que proporcionassem aprimoramento técnico e científico do rebanho e das pastagens. E como a fronteira agrícola, significou avanço também da cultura mecanizada da soja, mais tarde acompanhada por outros cultivos modernizados, a Expogrande foi se tornando abrigo de expositores de máquinas agrícolas e de outros insumos da agricultura moderna.

Figura 2: Gado vendido em leilão.



Fonte: Jaqueline Naujorks, Leiloblog, 2014.

Campo Grande, nesse novo contexto, além de capital do novo Estado, lhe restou a posição de maior centro nodal de Mato Grosso do Sul. A posição anterior foi fortalecida pela situação de ponto de cruzamento das duas rodovias federais estruturais (BR-163 e BR-262).

Desse modo, se consolidou como espaço de convergência e distribuição regional de produtos, como praça comercial mais dinâmica do Estado, além de importante centro de serviços especializados e de residência de grande parte de pecuaristas do Estado. Seu contingente populacional passou a se duplicar a cada década, atingindo o maior índice de urbanização do país nesse período.

O censo de 1980 já apontava na cidade 283.656 habitantes, o que significava mais de dez vezes o contingente apresentado em 1940. Em 1991, de acordo com o censo do IBGE, a população da cidade havia novamente quase duplicado, resultando num contingente de 518.687 habitantes.

No final da década de 1980, a aglomeração urbana e o papel de Campo Grande na polarização de negócios exigiram da Acrissul a construção de um tatersal entre 1987/88, bem mais amplo e especializado na Expogrande, caracterizado como Tatersal de Elite, utilizado na comercialização de reprodutores e na formação de plantéis.

Entre 1985-88, o setor agropecuário de Mato Grosso do Sul foi impactado pelo fim dos incentivos e subsídios do governo federal ao setor agrícola, de modo que os esforços deixaram de ser no sentido da ampliação da produção para se concentrar na melhoria da produtividade (LE BOURLEGAT, 2000).

Na pecuária, isso significou, entre outras, a intensificação da substituição de pastagens naturais por aquelas plantadas e de modo menos significativo, assim como a melhoria genética do rebanho (novas raças, inseminação artificial). A Expogrande foi incorporando essas necessidades locais de atrair empresas e especialistas num ambiente interativo em que esses pudesse trocar informações com pecuaristas.

2.1.4 Expogrande na era do conhecimento

A Expogrande insere-se nos dias atuais, na transição para a chamada era do conhecimento, na qual a aprendizagem coletiva e inovação transformaram-se em necessidades fundamentais do desenvolvimento territorial.

Dos anos 1990 até a década contemporânea, as necessidades de inovação produtiva tornaram-se cada vez mais constantes (redução do tempo de abate,

aumento da taxa de desfrute por área de criação), incluindo novas outras, tais como a preocupação com a sustentabilidade (climática e da natureza em geral, sustentabilidade econômica), e mais recentemente em relação ao conforto dos animais.

Num outro viés, nesse mesmo período, além de maior aglomeração de empresas fornecedoras de produtos e serviços de alta tecnologia, em Mato Grosso do Sul cresceu o número de universidades e de *expertises* no setor agropecuário. A partir de 2000, especialmente, as universidades regionais passaram a abrigar cursos de pós-graduação e laboratórios de pesquisa cada vez mais aprimorados.

Nos anos 1980 e início de 1990, a globalização despertou no mercado brasileiro o interesse pela aquisição de produtos estrangeiros, podendo o consumidor comparar qualidade e preço, de produtos nacionais e importados, confrontando o mercado nacional e internacional. Vive-se a terceira revolução industrial, ou revolução técnico-científica, marcada pelo privilégio da tecnologia baseada em conhecimento.

O Brasil deixou de ser um país agroexportador, com tendência para diversificação e aprimoramento de sua cadeia produtiva. Também começou a incentivar inovações nos processos produtivos. A evolução significativa da modernização da produção agropecuária colocou o Brasil em posição privilegiada no cenário internacional e aumentou a participação do setor no Produto Interno Bruto do país, conforme apontou o Centro de Estudos Avançados em Economia Aplicada (ESALQ/USP).

O planejamento estratégico de desenvolvimento da produção agropecuária no país passou a dar três enfoques, segundo Campos e Ferreira (2005): segurança alimentar, matriz energética e sustentabilidade ambiental. O objetivo primordial passou a ser, portanto, a inserção no mercado de alimentos essenciais, a custos competitivos, diversificação da matriz energética e incorporação da questão ambiental.

A preocupação com o meio ambiente tem sido uma questão relevante ao processo produtivo rural. Produzir com sustentabilidade tem sido a chave para abrir portas para um mercado exigente e competitivo. O agronegócio sustentável repercute em benefícios, tanto para a natureza quanto ao produtor rural e ao

consumidor final. Conforme Zuin e Queiroz (2006) o produtor que não respeita a sustentabilidade ambiental e social já começa a ter dificuldades de comercialização, como também de viabilização da liberação do crédito junto às instituições financeiras.

Assim, as propriedades rurais passaram a se preocupar cada vez mais com o controle sobre os efluentes, reciclagem de embalagem de agrotóxicos, limites para o desmatamento, como também o respeito aos direitos trabalhistas, adequação às normas de sanidade rural. Em Mato Grosso do Sul, um conjunto dos fazendeiros de espírito empreendedor vêm buscando de forma coletiva aprender novos procedimentos que tragam contribuição nesse sentido, tais como o plantio direto, a integração lavoura-pecuária, recuperação das pastagens degradadas e confinamento de gado, entre outros.

Em consonância o Ministério da Agricultura e Abastecimento (MAPA), em parceria com a Embrapa criaram o índice de Sustentabilidade (SI) para produtos agropecuários. Esses princípios são universais e atingem diversas modalidades do agronegócio, com padrões pré-estabelecidos conforme a especificidade de cada bioma. Conforme o MAPA os Índices de Sustentabilidades (SI) têm mostrado que é possível unir tecnologias avançadas na produção agrícola com a proteção ambiental. Com isso o Brasil se consolida como o maior produtor de alimentos do mundo.

No ambiente altamente competitivo do mercado global, o produtor rural vem sentindo a necessidade de adotar uma visão mais empreendedora, inovadora e sustentável tanto na dimensão ambiental como na econômica e social (ROSCOE, 2014). Nesse sentido, o produtor tem procurado interagir mais com outros produtores (formas associativas), universidades e instituições de pesquisa, além de empresas fornecedoras de insumos e compradoras de seus produtos, no intuito de desenvolver mecanismos de capacitação, aprendizado coletivo, que o potencialize para a adoção constante de tecnologias inovadoras e sustentáveis.

A Expogrande se consolidou como espaço de leilões e da festa, organizada inicialmente para uma elite pecuarista e, aos poucos, veio ganhando a popularidade geral na cidade e região. Atualmente, ela dá mostras de uma estrutura pronta a desenvolver e aprimorar o papel de espaço de disseminação de informação e aprendizagem coletiva, no atendimento das novas necessidades do setor agropecuário. Pôde-se avaliar na origem e trajetória da Expogrande, que esse

evento do setor agropecuário em Campo Grande, desde suas origens, demonstrou tendência para se flexibilizar diante das necessidades requeridas e vem se tornando cada vez mais multifuncional.

No entanto, vem passando por momentos de reinvenção da própria estrutura e funcionamento, em função da mudança de contexto histórico e territorial. Um dos conflitos que ainda não conseguiu solucionar tem sido o da poluição sonora causada pela forte aglomeração e grandiosidade da própria festa num entorno cada vez mais urbanizado. O antigo lugar isolado da fazenda Bandeira agora se encontra cercado de residências e intensivamente ocupado. Os diferentes usos se conflitam, mas não se pode imaginar os leilões e o encontro sem a grande festa. Esse cenário parece fazer parte da representação social da Expogrande e as tensões se aprofundam.

Outros novos rumos dessa exposição que interessam à continuidade desse estudo tem sido especialmente aquele de seu aperfeiçoamento por meio do espaço de interação e aprendizagem na formulação de novos conhecimentos capazes de conduzir ações inovadoras e cada vez mais ajustadas à realidade local e regional do setor agropecuário.

2.1.5 Territorialidade da pecuária bovina em Campo Grande no contexto da Expogrande

2.1.5.1 Origem da pecuária bovina no contexto do Estado

Em nível de Estado, as primeiras cabeças bovinas e equinas foram introduzidas pelos espanhóis no século XVI, ocasião que fora fundada a cidade de Santiago de Xerez, com o objetivo de povoar a região. O rebanho era uma forma utilizada pelos jesuítas nas missões, no intuito de atrair e fixar os índios na terra (ARANTES, 2008).

Após destruição das áreas missioneiras pelos bandeirantes paulistas, os animais abandonados de equinos e bovinos, foram apropriados pelos índios Guaicurus. Estes, segundo o autor, aprenderam a dominar o pastoreio desses animais e passaram a utilizar os cavalos em suas constantes guerras. Os índios

cavaleiros, como são denominados, recorriam igualmente ao rebanho bovino para fazer o estouro de boiadas sobre o inimigo, complementando a estratégia de guerra.

Os bandeirantes batizaram na época o então Mato Grosso do Sul, de campos de vacaria, uma vez que quando passavam pela Serra de Maracaju encontravam grande quantidade de bois que vivam soltos, abagualados (ARANTES, 2008). E foi precisamente com a presença desse gado selvagem que no decorrer do século XIX foram estruturadas as primeiras fazendas de gado pelas primeiras famílias colonizadoras.

Conforme Arantes (2008) naquela época a carne bovina valia pouquíssimo. Apenas o couro do gado apresentava valor comercial. Durante a prevalência da comercialização pela Bacia do Rio da Prata passou-se a comercializar o gado em pé e/ou abatido, este em forma de charqueadas, para os centros de consumo.

2.1.5.2 Territorialidade da Pecuária bovina em Campo Grande

Campo Grande, como capital de Estado, possui área territorial de 8.092,951 Km² contendo uma população de 832.352 habitantes (CENSO IBGE, 2010). A área rural apresenta condições favoráveis de clima, relevo e vegetação para a prática da pecuária. Mas sua localização dentro do Estado também é considerada estratégica para a comercialização. A cidade é aquela que mais aglomera instituições de pesquisa públicas e privadas de apoio ao agronegócio.

As primeiras raças introduzidas pelos colonizadores mineiros e paulistas desde 1844, quando surgiram as primeiras propriedades rurais, foram “frankeiro” e “junqueira”, de origem portuguesa, de pelagem baia e castanha, que atualmente compõem a base da raça Caracu. Já a introdução dos primeiros zebuínos deu-se em 1880 pelas iniciativas dos mineiros (ARANTES, 2008).

Posteriormente, as raças mais utilizadas passaram a ser Gir, depois Guserá, Indubrasil, e finalmente Nelore. Esta última adaptou-se melhor ao clima tropical, pelo fácil manejo e boa aceitação no mercado. O chamado gado branco, nome dado por possuir pelagem branca, é o animal mais utilizado na pecuária campo-grandense (Ver Figura 3).

Até os anos 1970, o rebanho bovino no Estado era mantido num regime extensivo, situação que foi sendo alterada com o avanço das fronteiras de modernização agrícola, repercutindo no aumento do efetivo. A tendência do rebanho bovino da microrregião econômica, da qual Campo Grande faz parte, durante essa fase foi de aumento acelerado. Entre 1980 e 2000 o efetivo de bovinos praticamente dobrou (Gráfico 1). Mas esse acréscimo acabou se tornando mais tímido na primeira década da virada do milênio e depois tendeu ao declínio.

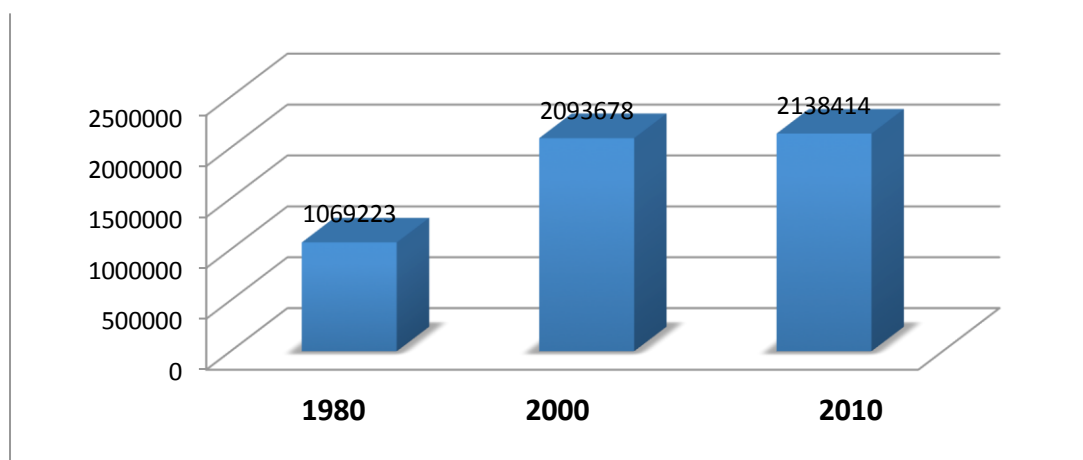
Figura 3: Gado Nelore em Campo Grande/MS – 2011.



Fonte: Alves Neto, 2011.

A explicação, segundo Souza (2010) teria sido em grande parte, em função do descarte de fêmeas produtivas diante dos bons preços praticados no mercado, que comprometeu o crescimento do rebanho, complementado pela ocorrência de focos de febre amarela. Para corrigir esse desvio, passou-se a adotar um sistema de retenção de matrizes com a consequente valorização da fase de cria e do bezerro, que resultou na taxa de natalidade de 60%. Procurou-se manter o tempo de abate entre 42 e 48 meses, na expectativa de retomada do crescimento do rebanho em longo prazo.

Gráfico 1: Evolução do efetivo bovino na Microrregião de Campo Grande.



Fonte: Censo Agropecuário e Pesquisa da Pecuária Municipal (IBGE)

Em entrevista realizada por Alves Neto (2011) ao campo-grandense Laucídio Coelho, considerado o maior criador de gado bovino do Brasil e um dos descendentes do criador de mesmo nome, postada no Jornal Rural Centro, o mesmo comentou sobre os avanços na pecuária bovina.

Segundo informou, as pastagens artificiais significaram o primeiro grande avanço nessa atividade. A produtividade que era de 30 hectares para uma rês se transformou em um hectare por rês. Mas o criador se lamentou do período em que praticaram o descarte de fêmeas matrizes do rebanho e da febre aftosa.

Assim se expressou na entrevista: "Temos que olhar para o passado e nos orgulhar do que construímos até hoje. E também temos que olhar pro futuro e olhar as oportunidades que perdemos para que não aconteça de novo (ALVES NETO, 2011, p.51)."

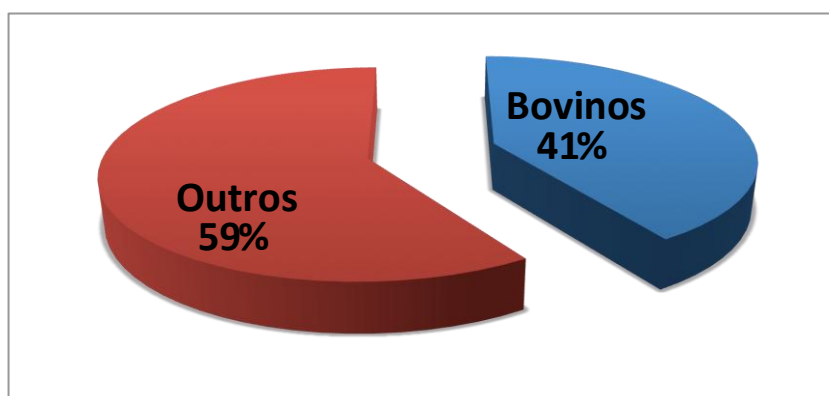
Em 2010, o rebanho de Campo Grande era o 7º do Estado e representava 28,45% de sua microrregião. De acordo com o Censo do IBGE, Campo Grande contou em 2013 com um efetivo de 593.592 cabeças de gado. De acordo com o Censo Agropecuário de 2006 (IBGE, 2006), havia 1.212 estabelecimentos de pecuária com bovinos (Ver Quadro 1), o que representava 40% das propriedades ocupadas com essa atividade (Ver Gráfico 2).

Quadro 1: Estabelecimentos agrícolas em Campo Grande.

| NATUREZA DO EFETIVO | NÚMERO DE ESTABELECIMENTOS |
|---------------------|------------------------------|
| Bovinos | 1.212 |
| Equinos | 887 |
| Aves | 546 |
| Suínos | 409 |
| Ovinos | 257 |
| Outras Aves | 105 |
| Muare | 78 |
| Caprinos | 25 |
| Asininos | 10 |
| Bubalinos | 2 |
| | Total 2.975 |

Fonte: Censo Agropecuário 2006.

Gráfico 2: Estabelecimentos com bovinos em Campo Grande.

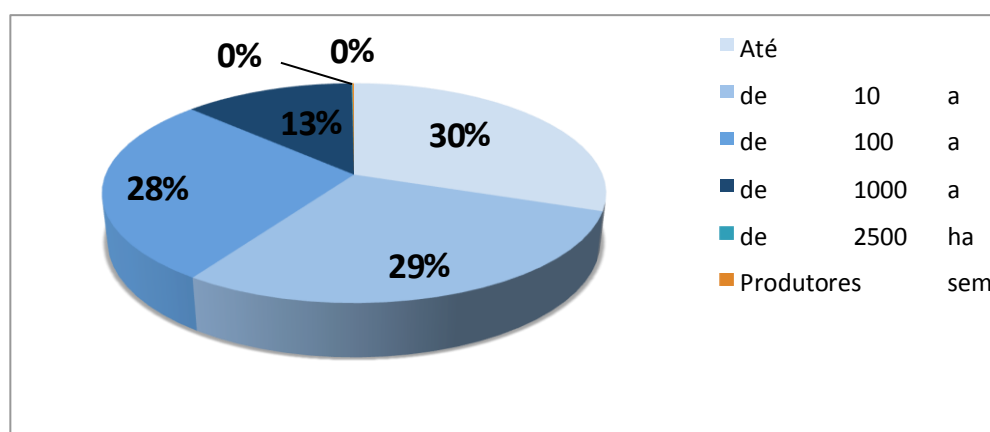


Fonte: Censo Agropecuário 2006.

Desse total do rebanho bovino apresentado em 2013, apenas 22.017 cabeças constituíam vacas para ordenha. Estas estavam distribuídas no total de propriedades, o que leva a entender que a grande especialidade no Município ainda é a pecuária bovina de corte. Mesmo assim, naquele ano, foram obtidos 22.847 mil litros de leite.

Na estrutura fundiária de Campo Grande 87% apresentam menos de mil hectares. Do total, 59% apresentam menos de 100 hectares e 30% são pequenas propriedades (menos de 10 hectares), conforme se pode ver no Gráfico 3.

Gráfico 3: Estrutura fundiária de Campo Grande em 2006.



Fonte: IBGE

2.2.5.3 Principais Inovações na Pecuária bovina em Campo Grande

Os criadores de Campo Grande e do Estado vêm buscando modernizar as formas de criação de seu rebanho bovino, especialmente por meio do melhoramento genético, da melhoria nos procedimentos da nutrição e da sanidade (SOUZA, 2010). A melhoria genética mais utilizada tem sido feito por meio do uso de genes selecionados na obtenção dos chamados “rebanhos núcleos”. Estes são disseminados ao serem vendidos no mercado para os chamados multiplicadores (ALVES et al, 1999).

A seleção é feita a partir de acasalamentos, com base em escolhas adequadas, para então multiplicá-los por meio de técnicas de reprodução. As técnicas de reprodução mais utilizadas são as chamadas biotecnias (inseminação artificial, transferência de embrião). Como novos procedimentos de nutrição, os criadores passaram a se utilizar mais frequentemente de suplementação e mineralização ao processo do uso de pastagem artificial (braquiária), chegando até mesmo a processos de confinamento e semi-confinamento (SOUZA, 2010).

As medidas sanitárias têm sido sobretudo, contra a febre aftosa. Os pecuaristas avançaram da fase da busca de cura para as medidas preventivas contra a doença. Associadas a essas, vêm se ocorrendo a adoção de práticas alternativas, por iniciativa de organizações científicas e técnicas dentro do Estado, tais como: Sistemas de produção melhorados, Boas Práticas Agropecuárias, Integração Lavoura/Pastagens, Novilho Precoce.

3 TERRITORIALIDADE DA EXPOGRANDE E SEU PAPEL NA DISSEMINAÇÃO DO CONHECIMENTO E INOVAÇÕES NA AGROPECUÁRIA DE CAMPO GRANDE/MS

O objetivo do capítulo é apresentar a territorialidade da Expogrande seu papel na disseminação e produção do conhecimento por meio da aprendizagem interativa e as contribuições em processos de inovação na agropecuária de Campo Grande, em Mato Grosso do Sul.

3.1 TERRITORIALIDADE DA EXPOGRANDE

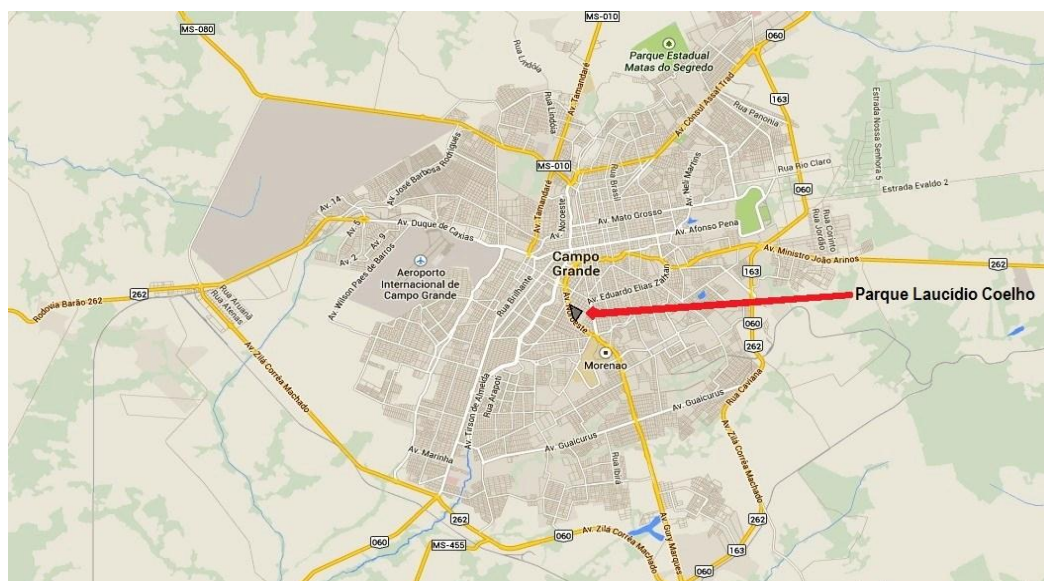
A territorialidade da Expogrande é aqui apreciada por meio de sua estrutura física e funcionamento, seja do evento em seu todo, como dos diferentes ambientes configurados para atender finalidades específicas.

3.1.1 Parque Laucídio Coelho: estrutura física da Expogrande

A Expogrande é oferecida na estrutura física do Parque Laucídio Coelho. Construído anteriormente em uma franja periurbana da cidade de Campo Grande, nos dias atuais, o parque encontra-se praticamente na chamada área central da cidade (Figura 4).

Localizado no bairro do Jóquei Club, o Parque Laucídio Coelho apresenta-se nos dias atuais sob forma de um enclave, no conjunto territorial de estrutura urbanizada (Ver figura 5 a 7). Esse novo contexto em que o mesmo se insere tem sido motivo de modificações do evento, especialmente em função dos impactos causados pelo barulho dos shows aos moradores do entorno.

Figura 4: Localização Parque Laucídio Coelho Campo Grande.



Fonte: Google Maps, 2011.

Figura 5: Localização Parque Laucídio Coelho bairro Jóquei Club.



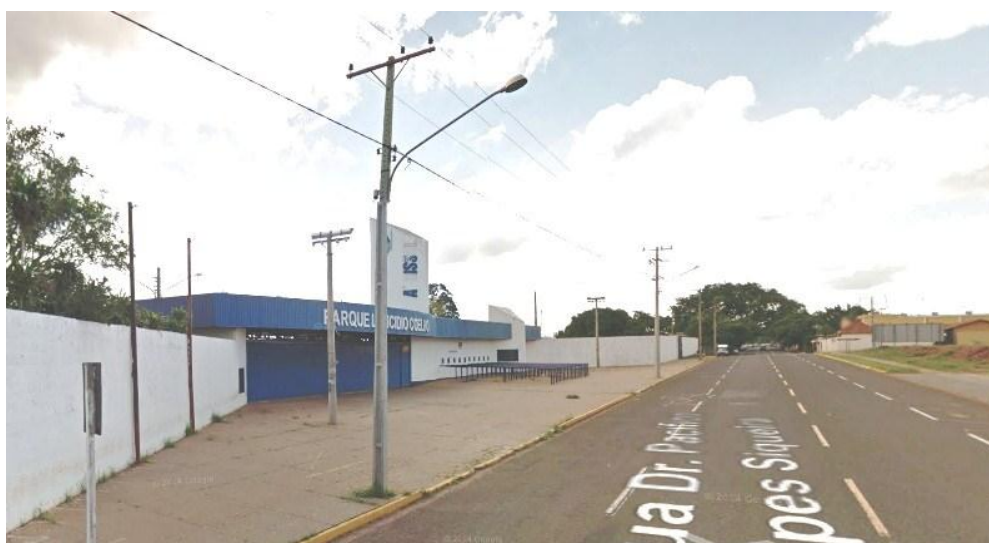
Fonte: Google Maps, 2011.

Figura 6: Frente Parque Laucídio Coelho bairro Jóquei Club.



Fonte: Google Maps, 2011.

Figura 7: Lateral Parque Laucídio Coelho bairro Jóquei Club.



Fonte: Google Maps, 2011.

A Expogrande, ao longo do tempo, passou a aglomerar um público muito grande nos seus onze dias de duração, chegando a atrair entre 2010 e 2012, em média, 200 mil pessoas por evento. A pressão dos moradores, por meio de órgãos públicos, em função especialmente do barulho dos shows, tem conduzido os organizadores a propor novas estruturas de funcionamento (Figura 8).

Figura 8: Vista geral da Expogrande no Parque Laucídio Coelho em 2014.



Fonte: Brangus, 2014.

Na nova situação verificada entre 2013 e 2014, passou-se a verificar diminuição de público e de grande parte dos estandes de expositores e de alimentos, mas com ampliação do volume de negócios. No ano de 2014, houve recorde de volume negociado na Expogrande, atingindo um total de quinhentos e noventa e quatro milhões de reais, praticamente o dobro do ano anterior.

A tendência aponta para a manutenção de um evento cada vez mais especializado em negócios e na disseminação do conhecimento técnico e científico em pecuária nos seus mais diversos ramos, do qual participa expositores e um público específico da pecuária, com ambiente que favoreça constante inovação no setor.

3.1.2 Estrutura e funcionamento dos leilões na Expogrande

Os leilões de gado constituem o principal centro de interesse dos associados da Acrissul na Expogrande visto como ambiente de negócio. Mais recentemente, vem se manifestando entre os organizadores interesse em ampliar a

participação do produtor rural nos leilões em suas novas diversificações dentro do Estado (gado de leite, equinos, ovinos, asininos), assim como o de dotar o evento de função disseminadora de novos conhecimentos mediante articulações cada vez mais amplas e internacionalizadas com o conhecimento técnico e científico, que assegurem as inovações sustentáveis ao setor.

Note-se desde 2009, a iniciativa em se criar um evento complementar à Expogrande, chamado de 1ª. Expo MS, oferecido em outra temporada do ano, que já fosse dotado dessas novas características. A 1ª. Expo MS chegou a abrigar quatorze cadeias produtivas de negócios agropecuários, incluindo espaço também à propriedade familiar. Nesse evento, cognominado “Feira do Conhecimento”, as palestras de nível técnico também passaram a ganhar espaço relevante, sobre as quais assim se expressou na imprensa o presidente da Acrissul, Francisco Maia:

Entendo que é extremamente importante essa interação do produtor com a Ciência. Se nós alcançamos um nível de excelência na produção de carne é porque isso veio aliado ao trabalho da Embrapa (Empresa Brasileira de Pesquisa Agropecuária), cientistas e universidades, com toda esta gama de conhecimento. O nosso produtor rural é um homem exigente, com um bom grau de formação universitária, e isso faz com que a feira tenha de ter caráter mais forte no conhecimento. Para isso nós montamos três tendas, onde em cada uma delas haverá as palestras (FOLHA DO FAZENDEIRO, 2009).

De acordo com essa entrevista, o presidente da Acrissul deixou claro que o conceito de sustentabilidade apresentava abrangência mais ampla, incluindo além da natureza, as dimensões social, ambiental e econômico. Também valorizava nesse processo a troca de experiências e difusão de tecnologias. O presidente acrescentou à imprensa, os anseios dos associados em internacionalizar as ações desenvolvidas no Parque Laucídio Coelho e que deveriam avançar no âmbito do Mercosul.

Estavam cientes, segundo o presidente da Acrissul, de que para esse fim, o parque necessitava de maiores ajustes em sua infraestrutura física. Nesse mesmo ano, já foram realizadas para esse fim rampas para cadeirantes, reformas no banheiro, recapeamento do asfalto, adequação das baias, nova caixa d'água, entre outras. Na Expogrande, os leilões costumam começar antes mesmo da abertura oficial do evento e ocorrem em recinto específico, chamado Tatersal (Ver Figura 9).

Figura 9: Espaço do Parque destinado aos leilões.



Fonte: Google Maps, 2011.

Esse termo teve origem no sobrenome Tattersall atribuído à família inglesa e negócio mais célebre e tradicional (desde o século XVIII) em leilões de cavalos de puro sangue na Europa e que acabaram servindo de padrão para muitos outros no mundo.

O primeiro tatersal do gado bovino de corte Parque Laucídio Coelho foi construído em 1976, homenageou Dolor Ferreira de Andrade. Uma década depois, manifestou-se a preocupação dos organizadores da Expogrande, em adotar o leilão do gado de elite, aquele criado segundo os princípios de qualidade requerida pelos selos de certificação.

Isso exigiu a construção no parque de um tatersal de elite. Conforme apontou o presidente da Acrissul, em entrevista concedida ao Jornal em 2009, em Mato Grosso do Sul, na Expogrande ainda prevalecia o leilão de gado de corte em relação ao gado de elite, fato que diferenciava a Expogrande de outras grandes feiras de gado no Brasil.

3.1.3 Ambiente de negócios e o aprender fazendo

Por meio da pesquisa pôde-se verificar que na Expogrande o enfoque no ambiente de negócios de gado, vem sofrendo transformações, não só no sentido de ampliar a diversidade de raças bovinas de corte nas negociações, como de incluir outros tipos de gado (gado bovino de leite, equinos, ovinos, asininos) e ainda de ampliar os efeitos de propagação do leilão por meios televisivos. Para esse ambiente, além do tatersal utilizado para os leilões, existe a pista do gramado utilizada para pesagem e julgamentos de animais, assim como a pista de areia para provas com equinos.

A Expogrande de 2010, de acordo com o que informou a Acrissul, envolveu cerca de 1.500 expositores (250 no setor de alimentação) e 44 leilões de gado bovino, envolvendo um contingente de 1.200 bovinos (o dobro de 2009), além de 500 equinos e 300 animais de pequeno porte. O evento exigiu na segurança do parque um contingente de cerca de 80 homens da Polícia Militar, mais 30 homens de segurança patrimonial, além de corpo de bombeiros, SAMU e outras unidades móveis de atendimento.

Em 2011, foram levados cerca de dez mil animais (bovinos, equinos e animais de pequeno porte) para o arremate em 23 leilões, organizados por quatro leiloeiras. Da primeira etapa participaram a tradicional raça bovina de corte Nelore e o Nelore mocho (espécie sem chifre) e a raça equina crioulo, quarto de milha.

O gado bovino Nelore, um zebuínio vindo da Índia, foi a primeira raça introduzida pelos europeus e que se adaptou bem às condições brasileiras e se tornou tradicional em Mato Grosso do Sul (Figura 10). O Nelore PO é considerado animal de elite, que possui todos os selos e certificados comprobatórios de sua qualidade puro sangue, enquanto o Nelore Mocho é fruto de melhoramento genético e conhecido por não ter chifres.

Figura 10: Gado Nelore Padrão.



Fonte: Beef Point, 2013.

O cavalo crioulo, considerado um dos mais antigos no país, desenvolvido na região dos Pampas gaúcho, é considerado rústico, resistente e ágil para lidar com manadas de gado, cavalo, muares e ovinos. Já o quarto de milha é exótico, importado, mas também com habilidade para lidar com gado. Da segunda etapa participaram exemplares da raça de gado Canchim e Senepol, Gir e Girolando. O gado de corte canchim (Figura 11) foi obtido no Brasil a partir de cruzamento industrial do gado charolês e zebu, considerado rústico e resistente ao calor e bom produtor de carne.

Figura 11: Gado bovino de corte da raça Canchim.



Fonte: Beef Point, 2013.

O Senepol, diferente dos demais, não é zebuíno nelore, mas um taurino originário do Senegal, introduzido como gado de corte no Brasil muito recentemente (2000), cujas características mais apreciadas tem sido sua resistência ao calor, insetos, parasitas e às doenças, por sua habilidade de sobrevivência em regiões pobres de pastagens e ainda por seu alto rendimento e bom produtor de carne. O Gir é um gado zebuíno da Índia que pode ser de corte ou de leite, enquanto o que o Girolando vem do cruzamento do Gir com o gado Holandês, disseminado como gado leiteiro.

O cavalo árabe (Figura 12), originário da península arábica, muito difundido no Brasil desde a época da colonização europeia, passou a ser criado comercialmente nas primeiras décadas do século XX. O cavalo pantaneiro (figura 13), também trazido pelos colonizadores portugueses, adaptado ao ambiente do Pantanal.

Figura12: Julgamento do cavalo pantaneiro.



Fonte: Acrissul, 2014.

Na Expogrande de 2012, ocorreram 25 leilões, realizados por 7 organizações leiloeiras. A Leiloboi, a maior delas organizou 14 leilões: 6 leilões de elite de touros Nelore Mocho e reprodutores Nelore PO e Senepol; 4 leilões de corte de machos, fêmeas e reprodutores Nelore e cruzamento industrial, Nelore PO e Bonsmara ura, sendo organizado pelas mulheres do BPW. A Leilogrande ofereceu 4

leilões, um de corte com bezerros Nelore, um de elite com bezerros e novilhas Nelore PO e dois de corte e elite com touros Nelore PO.

A Leilosat organizou 4 leilões de corte com bezerros e novilhas Nelore. A Correa da Costa ofereceu 2 leilões de elite de touros Brahman e Nelore PO. O gado de corte Bonsmara veio da África do Sul e entrou comercialmente no Brasil por meio de embriões argentinos, no final dos anos 90, considerado rústico e de alta produtividade (Figura 14).

Figura 13: Exposição do cavalo árabe.



Fonte: Acrissul, 2012

Figura 14: Gado Bonsmara.



Fonte: Beef Point.

A Taquari Leilões estruturou um leilão de corte com machos e fêmeas Nelore e dois leilões de equinos King Horse e Cavalo Pantaneiro. A organização Crioulo Remates ofereceu um leilão de garanhões e éguas prenas da raça crioula. Por fim, a Genética Aditiva organizou o leilão de Leite com touros e matrizes da raça Gir.

Em 2013 ocorreram 27 leilões, organizados por um conjunto maior de leiloeiras em relação ano de 2012. Ainda houve pesagem e julgamento de bovinos de corte e de leite, uma programação específica para equinos e outra para o gado de leite (torneio, ordenhas, desfile e premiação de animais, expogenética).

Em 2014, ocorreram 32 leilões, organizados por cinco leiloeiras, alguns já fora do parque. Quatro bancos estiveram presentes no evento para acompanhar e oferecer linhas de crédito aos compradores.

3.1.3.1 *Aprender fazendo no ambiente de comercialização*

É preciso destacar que, embora o foco dessas ações no evento sejam para realização de negócios, elas também implicam em aprendizado a respeito dos princípios e critérios do mercado no qual os associados e participantes se inserem. Além do aprender fazendo na própria exposição e do aprender usando os produtos e procedimentos informados por meio dela em alguns casos, essas palestras aparecem como forma de aprofundamento na conversão do conhecimento codificado em conhecimento tácito.

A participação no ambiente dos leilões, por exemplo, possibilita aprendizado para o criador poder se inserir e se estabelecer adequadamente num mercado que ultrapasse as fronteiras locais e regionais e é mais exigente no produto e na forma da compra. O aprender fazendo nesse processo de comercialização se dá em sua interação na própria prática de participante do leilão.

Num leilão de gado bovino de corte, a interação dos atores ocorre no ambiente de negócio do tatersal, tanto por contato físico direto, quanto por meios televisivos. O tatersal é comum, quando se trata de leilão de gado convencional e tatersal de elite, se o gado for produto de melhoramento genético. No caso do

tatersal de elite, as exigências são maiores e o valor da cotação é muito mais elevado. Exige aprendizado por parte de quem dele participa.

Os compradores são previamente informados a respeito das datas e locais do leilão pelos meios de comunicação (mala direta, e-mail, telefone, *sítes* das empresas leiloeiras, chamadas por meio de programas de TV). Esses compradores podem ser criadores de gado que pretendem melhorar a genética de seu rebanho, ou simplesmente investidores, que comprem e revendem o gado no mercado. O criador traz o seu gado, fruto de melhoria genética, para ser vendido no leilão.

A equipe dessas empresas também pode ir até a propriedade rural para filmar no campo o gado destinado à venda. Para televisionar a sessão, as associações de criadores geralmente fazem parcerias com canais especializados nesse setor, a exemplo do Canal do Boi, Canal Rural, Agro Brasil TV. Os compradores costumam ser informados pelo *síte* da empresa de leilão, sobre as médias das cotações prevalentes.

O evento geralmente conta com um diretor geral que possui conhecimento específico para atuar como profissional responsável pela organização e gestão da estrutura e funcionamento do leilão de elite no seu todo. Os compradores interessados e que vão diretamente ao Tatersal são alojados em mesas, num ambiente de requinte e luxo.

Esse tipo de ambiente vem da tradição dos leilões de elite. Como os animais leiloados são fruto de melhoramento genético, são vendidos a valores que correspondem a praticamente cem vezes o preço de um gado convencional. Isso distingue basicamente o ambiente estabelecido entre o leilão de gado convencional daquele de elite (Figura 15).

O leiloeiro rural atua com profissão reconhecida desde 1961, pela lei federal número 4021. Para poder atuar nesse ambiente, além de conhecer perfeitamente as regras de funcionamento do leilão, ele precisa ter conhecimento a respeito das raças com as quais atua no tatersal. Embora já existam cursos de capacitação e aperfeiçoamento desse profissional, ele não é sempre exigido. O mais importante tem sido a comprovação de um conhecimento construído em sua vivência nessa atividade (aprender fazendo).

Figura 15: Ambiente de leilão no Tatarsal de Elite.



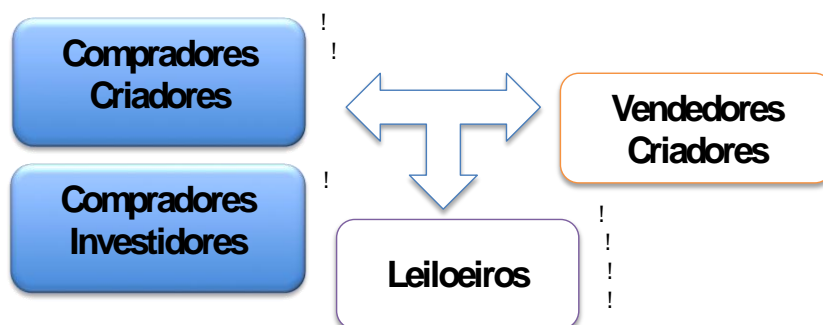
Fonte: Acrissul, 2014.

No tatarsal, o leiloeiro apresenta com ajuda do microfone e de câmeras televisivas, as características do gado à amostra, destinado à venda, que funciona como um pregão, baseado em lances de preço pelo interessado na compra.

O criador, ao comprar gado certificado também precisa aprender a estabelecer condições adequadas em sua propriedade para receber esse animal e lhe oferecer os cuidados requeridos, afim de obter bons rendimentos na produção. Por outro lado, necessita conhecer o animal mais ajustado para suas condições de produtor (grande ou pequena produção) e da propriedade.

Nesse processo em que cada ator, especialmente o comprador, vendedor e leiloeiro, traz consigo conhecimento específico em função de experiências vividas. No ambiente dos leilões, todos têm oportunidade de combiná-los e de aperfeiçoá-los por meio da própria prática (Figura 16).

Figura 16: Atores que interagem no ambiente dos leilões.



O julgamento de animais, via de regra, ocorre em ambientes abertos e mais populares. Numa forma particular, a interação dos profissionais envolvidos e sua prática implicam em aprendizagem constante e no aperfeiçoamento do conhecimento acumulado a respeito dessa prática comercial e das características exigidas para o produto comercializado (Figura 17).

Figura 17: Ambiente de Julgamento de animais.



Fonte: Acrissul, 2014.

Características como a genética, morfologia do gado (características do animal próprias da raça), de temperamento no trato, precocidade (índice de desenvolvimento para sua idade) entram em jogo num processo de leilão. Essas características se alteram em função das raças e também da finalidade da criação (gado de corte ou de leite). Quando elas se destinam ao corte, por exemplo, a

musculatura pode aparecer também como requisito de importância. No caso de fêmeas, avalia-se especialmente seu potencial em fertilidade (Figura 18 e 19).

Figura 18: Fêmea adulta Nelore premiada em 2012.



Fonte: Acrissul, 2012.

Figura 19: Leilão de elite com gado Senepol.



Fonte: Acrissul, 2014.

Quando se trata de fêmea leiteira e dependendo da raça, também se observa a ossatura e angulosidade (visto de frente, de lado e de cima), além de

capacidade respiratória, cardíaca e digestiva, largura da garupa, formato do pescoço em relação à cabeça e ao tronco, musculatura, pelagem, tipo de casco, temperamento, entre outros.

De modo geral, a preferência da raça Gir como gado de leite, por exemplo, se dá por exigir menos custos de alimentação e sanidade, como também de mão-de-obra para os cuidados com o rebanho (Ver Figura 20). No caso dos equinos, além da genética (puro sangue), morfologia, altura e temperamento, também se valoriza o estilo (batida, picada, troteada), rendimento, regularidade de sua marcha, comodidade para ser montado, resistência, entre outros.

Figura 20: Julgamento de gado Girolando (leite).



Fonte: A autora, 2013.

A prática e a experiência do leilão vêm permitindo aos associados da Acrissul avanços na forma de comercializar, inclusive com apoio de novas tecnologias de comunicação. É o caso dos canais de circuito fechado, a exemplo do Canal do Boi, do Agrocanal e da Agromix TV, que permitem a participação de potenciais compradores no Brasil inteiro. Dentre os 25 leilões organizados em 2012, cinco deles foram transmitidos pelo Canal do Boi, dois pelo Agrocanal e outros dois pela Agromix TV, o que significou pouco mais de um terço com transmissão via TV.

Na Expogrande de 2009, por exemplo, o Grupo de 30 Produtores de Leite (GPL), constituído a partir de uma parceria entre empresas de nutrição, sanidade e

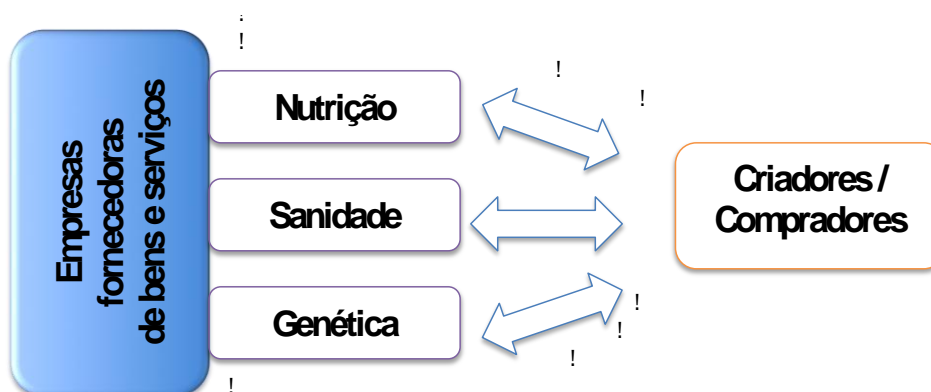
genética que tem assento na Câmara Setorial do Leite no Estado, teve a iniciativa de montar em um dos pavilhões, o 1º. Shopping Milk. Foi organizado num espaço do pavilhão dos expositores, onde deixaram técnicos habilitados a manter contato com criadores de leite interessados em aprender esses novos procedimentos, visando maior produção e rentabilidade.

Por meio do diálogo entre técnico e criador, este oferecia informações tácitas a respeito de sua propriedade e forma de criação e recebia as informações técnicas (organizadas) a respeito dos procedimentos considerados adequados. O criador ainda tinha possibilidade de ampliar essa informação ao assistir palestras específicas no pavilhão destinado para isso.

As palestras abordaram de forma técnica a questão da sanidade do gadoleiteiro, de nutrição e pasto e de seleção de matrizes. Nas palestras e diálogo, tomou-se o cuidado em simplificar o discurso técnico, de modo que a informação pudesse ser melhor incorporada como conhecimento pelo criador de gado de leite. Verificou-se nessa a oportunidade da Expogrande, portanto, duas ocasiões em espaços previamente preparados para se promover a conversão do conhecimento codificado do técnico para o conhecimento tácito do criador de gado leiteiro.

No evento *Shopping Milk* (Gado de Leite), a interação dos criadores de gado de leite com as empresas fornecedoras ocorre no próprio ambiente de negócios, estruturado no pavilhão dos expositores. Dele participaram empresas especializadas em produtos de nutrição animal, de melhoramento genético e aquelas que se ocupam de práticas de manejo e sanidade animal (Figura 21).

Figura 21: Interação no ambiente do *Shopping Milk*.



Nos estandes de divulgação dos produtos e serviços, o contato entre o técnico das empresas e o criador de gado de leite é informal. Geralmente ocorre em ambientes receptivos, previamente construídos pelas empresas, para atender individualmente os interessados. O diálogo se dá, nesse caso, em torno de uma mesa com alguma bebida e petiscos. O criador explicita as condições em que se dá a criação do gado de leite na propriedade rural. As informações técnicas apontadas como as mais adequadas são apresentadas pelo vendedor e podem ser reforçadas por outros meios de comunicação, como folhetos técnicos, vídeos, entre outros.

Nesse ambiente do *shopping milk*, a comunicação entre os criadores e empresas se dá por meio de palestras. O contato entre o especialista em cada um dos assuntos e o criador de gado de leite é formal. O ambiente construído destina-se a acolher uma coletividade de criadores de gado de leite interessados em obter informações técnicas previamente organizadas e hora previamente marcada. Nesse caso, o diálogo é mais eventual, quando se abre a palestra para esclarecer dúvidas sobre o assunto.

Nas duas situações, observa-se a conversão do conhecimento explícito em conhecimento tácito. O criador de gado de leite é o ator que mais se beneficia desse processo.

3.1.4 Ambiente dos expositores na disseminação da novidade

As empresas expositoras e o gado em exposição ocupam especialmente o setor dos pavilhões no Parque Laucídio Coelho (Figuras 22). Essas empresas que se inserem no interior do evento são, de modo geral, portadoras de novidade, seja para o melhoramento genético do gado, em técnicas de nutrição e sanidade animal, em técnicas de manejo do gado e cultivo de pastagens, nos processos de gestão da propriedade, entre outros.

Figura 22: Espaço dos Pavilhões dentro do Parque.



Fonte: Google Maps, 2011.

O criador que visita os pavilhões do parque tem possibilidade de conhecer diretamente as características de um animal com qualidade e padrão esperado para a venda ou mesmo a compra (Figuras 23 a 27).

Figura 23: Outra vista do espaço dos Pavilhões dentro do Parque.



Fonte: Google Maps, 2011.

Figura 24: Pavilhão de exposição de gado Senepol.



Fonte: Autora, 2013.

Figura 25: Outro aspecto do pavilhão de exposição do gado Senepol.



Fonte: A autora, 2013.

Figura 26: Gado bovino de corte Nelore em exposição.



Fonte: Autora, 2013.

Figura 27: Detalhe de gado bovino Nelore em exposição.



Fonte: Autora, 2013.

Na Expogrande de 2013, as empresas fornecedoras que se ocuparam do melhoramento genético do gado de leite organizaram o pavilhão e a praça de sustentabilidade, cognominada Expogenética (Figuras 28 a 30).

Figura 28: Espaço destinado ao gado de leite.



Fonte: Autora, 2013.

Figura 29: Pavilhão destinado ao gado de leite.



Fonte: Autora, 2013.

Figura 30: Empresas de melhoramento genético.



Fonte: Autora, 2013.

As empresas fornecedoras de produtos de nutrição animal, como aquelas de apoio à manutenção da sanidade e manejo do gado também costumam participar da Expogrande (Figuras 28 a 31). O evento também atrai empresas que se ocupam do cultivo de pastagens, como fornecedoras de sementes, de fertilizantes do solo, ou de maquinários (Figuras 31 a 39), entre outras.

Figura 31: Empresas fornecedoras de produtos de nutrição animal.



Fonte: Acrissul, 2014.

Figura 32: Empresa de nutrição animal.



Fonte: Autora, 2013.

Figura 33: Outra empresa de Nutrição animal.



Fonte: Autora, 2013.

Figura 34: Estande de empresa de venda de troncos.



Fonte: Autora, 2013.

Figura 35: Empresa fornecedora de sementes de pastagem.



Fonte: Autora, 2013.

Figura 36: Empresa de Máquinas e Implementos.



Fonte: Autora 2013.

Figura 37: Estande de Tratores.



Fonte: Acrissul

Figura 38: Empresa de Máquinas.



Fonte: Autora. 2013.

Figura 39: Empresa de Fertilizantes.



Fonte: Autora, 2013.

Uma novidade da Expogrande de 2014 foi a criação do Espaço do Pequeno Produtor (Figura 40), local projetado nos moldes de uma mini fazenda, que tem como objetivo aproximar as crianças da vida no campo e mostrar como funciona a dinâmica da vida no campo.

A presença de uma variada gama de fornecedores de bens e serviços para pecuária bovina de corte nos estandes do pavilhão dos expositores oportuniza o aporte da novidade técnica. Ela é repassada num processo comunicativo direto entre o vendedor e o criador potencial consumidor.

As empresas fornecedoras de equipamentos e maquinários tendem a fazer demonstração direta de seus novos produtos, permitindo que o visitante possa perguntar, ou até manuseá-los. Existem empresas que disponibilizam técnicos que aprofundam a informação a respeito de inovações aportadas, por meio de palestras ou cursos previamente organizados, oferecidos no ambiente específico para esse fim dentro do evento, aberto a todos.

Outras oferecem visitas técnicas à propriedade rural, num processo interativo do produtor x vendedor técnico x propriedade. O pecuarista tem oportunidade de “aprender usando” o procedimento ou equipamento/ ferramenta, numa conversão do conhecimento técnico/ codificado em conhecimento tácito.

Organizações de apoio aos produtores rurais, como universidades (Figura 42) e órgãos do governo (Figura 43) também se fazem presentes no evento.

Figura 42: Estande da UCDB.



Fonte: Autora, 2013

Figura 43: Estande da SEPROTUR.



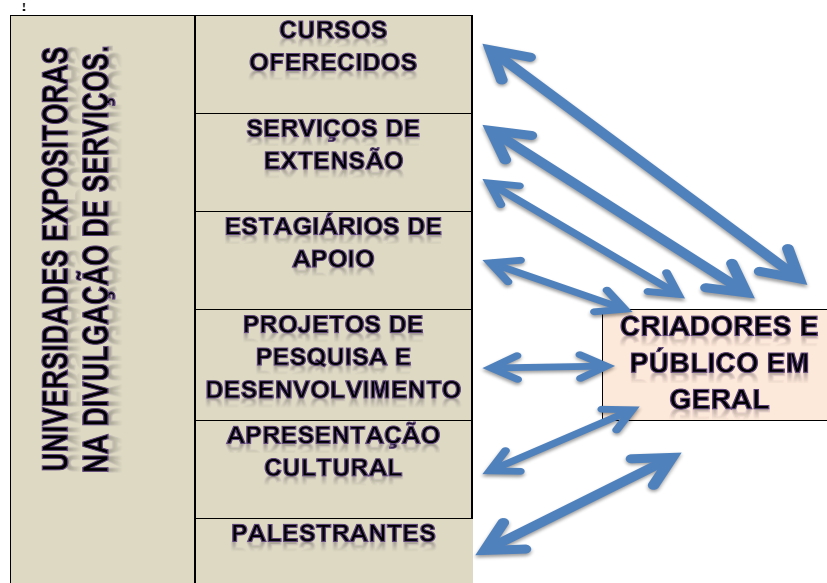
Fonte: Acrissul, 2014.

As universidades expositoras agem como parceiras e aproveitam a oportunidade, tanto para divulgar seus serviços, projetos e cursos correlacionados ao setor da agropecuária, como para promover apresentações culturais. Da divulgação do material exposto nos estandes participam estudantes, professores e técnicos. A universidade também contribui com palestrantes, além de estagiários em várias ações dentro da exposição e que também assistem a palestras de seu interesse (Figura 44).

O órgão do governo que tem montado estande próprio na Expogrande é a Secretaria de Desenvolvimento Agrário, Produção, Indústria, Comércio e Turismo do

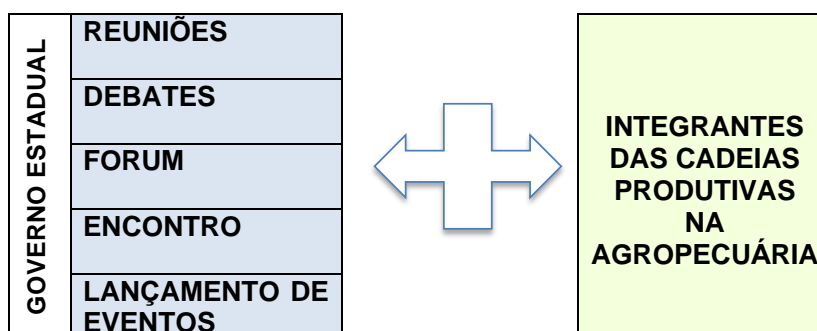
Estado (Seprotur). Ela tem aproveitado a oportunidade para estabelecer agenda de atualização e discussão sobre questões que afetam os distintos setores produtivos da agropecuária.

Figura 44: Interação da universidade com criadores e público em geral.



A realização é feita mediante organização de eventos (reuniões, encontros, fóruns de debates, lançamento de congressos) com lideranças e integrantes de diversas cadeias produtivas do setor agropecuário, dos quais também participam as autoridades governamentais (Figura 45).

Figura 45: Integração do órgão de governo com integrantes das cadeias produtivas.



Na Expogrande de 2012, por exemplo, no estande da Seprotur foram destinados três dias de evento, dedicados ao setor da pecuária de leite, com apresentação do Projeto de Desenvolvimento do Leite na Região Central de MS.

A Embrapa, por meio de suas três unidades dentro do Estado, especialmente aquela destinada ao Gado de Corte, com sede em Campo Grande, também ocupa um estande específico, chamado “Casa da Embrapa”. Nele são expostos resultados de pesquisas (livros), apresentados manuais de boas práticas.

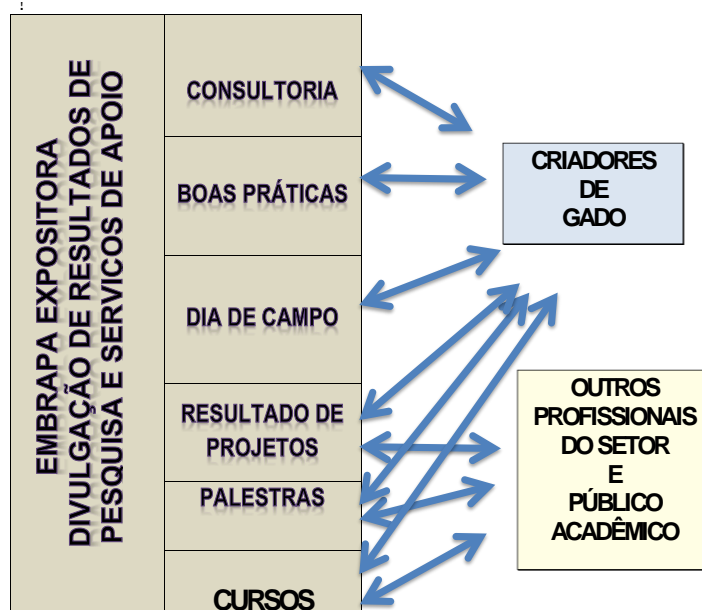
Pesquisadores e técnicos especializados em diversas áreas da pecuária, tais como melhoramento genético, nutrição animal, manejo e sanidade do gado, identificação bovina (rastreamento), gestão da propriedade rural, melhoramento de pastagens, entre outras, permanecem disponíveis no estande para serem consultados por criadores, com quem trocam informações, tiram dúvidas e disseminam novas tecnologias.

Estes pesquisadores também organizam ou cooperam em palestras ministradas em fóruns, *workshop*, mesas redondas, como também organizam cursos, que constam da programação previamente agendada pela Expogrande. Dessa programação também fazem parte os chamados “dias de campo”, organizados pela Embrapa.

Nesses eventos, os participantes são guiados pelos pesquisadores para apreciação de resultados de pesquisas em campos seus de experimentação. Alguns desses serviços de cooperação são mais direcionados aos criadores de gado, tais como consultoria, boas práticas, dias de campo. Outros atraem, geralmente, diversos profissionais que atuam no setor e o público acadêmico, como os resultados de projetos de pesquisa, palestras e cursos (Figura 46).

Os serviços da Embrapa na produção e disseminação do conhecimento no âmbito da Expogrande já vinham sendo oferecidos há um tempo mais longo que os outros órgãos parceiros de natureza técnica e científica. A Embrapa Gado de Corte tem servido de referência na cooperação com criadores de gado para melhoria da atividade desde os anos 1970. Essa experiência se manifesta na forma mais aperfeiçoada de se fazer presente e interagir com o público-alvo que frequenta o evento.

Figura 46: Interação da Embrapa com criadores de gado na Expogrande.



Essa organização atua de forma interativa, tanto na disseminação da informação como na produção do conhecimento e atinge especialmente, nesse processo, os criadores, outros profissionais do setor e o público acadêmico.

3.1.5 Ambiente organizado com finalidade específica de disseminação e produção de conhecimento

O ambiente interativo com intenção específica de disseminação do conhecimento técnico e científico e produção do conhecimento que pudessem contribuir em processos de inovação tecnológica em agropecuária emergiu na Expogrande de 2003, com a organização de um Ciclo de Palestras pelo Sindicato Rural de Campo Grande.

A iniciativa teve como princípio a troca de experiências entre grupos de produtores do sindicato. Havia sido organizado dentro dessa entidade 13 Grupos de Troca de Experiências (GTE), cada um com uma média de 12 integrantes. O objetivo do GTE era promover a participação dos integrantes em eventos, nos quais os membros pudessem trocar experiências adquiridas em suas respectivas propriedades, enriquecendo-as com conhecimento técnico e científico em temas de interesse comum, para se refletir e encontrar soluções, especialmente relacionadas

à gestão da propriedade. A iniciativa do Ciclo de Palestras de 12 dias ocorreu no auditório da Acrissul dentro da Expogrande 2003 e significou para os grupos, oportunidade de informação organizada e teórica a respeito de experiências inovadoras ocorridas fora do Estado.

Os temas selecionados e debatidos nas palestras foram: técnicas de reprodução, inseminação artificial, confinamento, nutrição animal, adubação e reforma de pastagem, qualidade no agronegócio, gestão econômica da propriedade e integração agricultura/pecuária. Nessa ocasião, o GTE promoveu dois encontros de tecnologia, um para Pecuária de Corte e outro para a Pecuária de Leite.

O sucesso de público obtido com essa iniciativa levou a Acrissul a constituir um coordenador de eventos científicos para continuar organizando o Ciclo de Palestras na Expogrande 2004, oferecidos de forma simultânea a outras ações do evento. Além de abordar os temas relacionados à pecuária de corte e de leite com apoio do Sindicato Rural de Campo Grande, a Expogrande 2004 ainda internalizou o encontro sobre ovinocultura, com apoio do Sebrae/MS (Projeto Aprisco).

As três unidades da Embrapa no Estado também tiveram participação em um estande no pavilhão do Ministério da Agricultura, Pecuária e Abastecimento, para apresentar resultados de suas pesquisas (livros e outras publicações) e disponibilizaram os pesquisadores da Embrapa Gado de Corte a possíveis consultas técnicas e divulgação de novos procedimentos e produtos na pecuária de corte e ainda ofertaram um curso sobre identificação bovina.

Na Expogrande de 2005, essa instituição introduziu as chamadas “boas práticas agropecuárias” relacionadas às inovações produtivas e de gestão de propriedade em pecuária.

Em 2006, a Embrapa Gado de Corte organizou o evento Dinâmica Agropecuária (Dinapec), visando a melhoria da cadeia produtiva da bovinocultura de corte, integrando-a ao Ciclo de Palestras da Expogrande até 2009, quando passou a ocorrer de forma autônoma e com apoio de várias outras organizações.

O objetivo desse evento é promover dinâmicas interativas entre produtores e pesquisadores, por meio de cursos, estandes de atendimento a consultas do produtor e roteiros tecnológicos. Os roteiros são organizados ao longo de campos

de experiência científica realizados na área sede da Embrapa em Campo Grande, com uma duração de 40 minutos, podendo ser realizado de forma individual ou em grupo, incluindo apresentação e tira dúvidas.

São oferecidos oito temas demonstrativos de experiência em agropecuária: (1) Sistemas integrados: integração lavoura-pecuária-floresta (ILPF) e integração lavoura-pecuária (ILP); (2) Sistemas integrados: cultivos e manejo, (3) Pastagens; (4) Nutrição e manejo do rebanho; (5) Boas práticas agropecuárias e tecnologias gerenciais; (6) Ovinos; (7) Melhoramento Genético/Reprodução Animal; (8) Produção de Leite.

Verifica-se que essas dinâmicas interativas entre produtores e destes com pesquisadores/ especialistas, introduzidas na Expogrande, significaram avanços em termos de conversão de conhecimentos, seja por processos de internalização, de externalização ou mesmo de socialização, que contribuem para a aprendizagem coletiva inovativa no setor.

As dinâmicas supõem o diálogo, enquanto o conhecimento se produz na interação do produtor com o pesquisador (tácito para explícito e explícito para tácito), ainda do produtor com outro produtor (tácito para tácito), mediado pelo objeto e situação dada em seu meio. Cada produtor assimila um tipo de conhecimento específico/ pessoal, mas no processo de interações sociais esse conhecimento se torna coletivo.

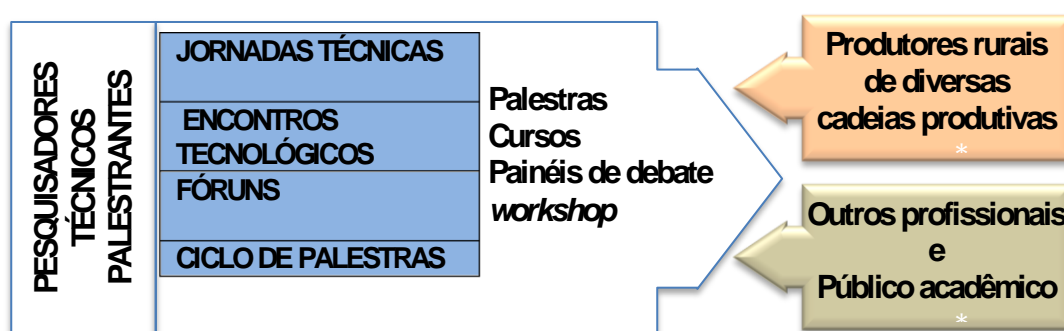
Entre 2010 e 2014, os organizadores da Expogrande, passaram a dotar o ambiente de disseminação de novidades e produção de conhecimento de complexidade crescente, com apoio de um número cada vez maior de entidades que se ocupam da produção de conhecimento técnico e científico. De simples Ciclo de Palestras que envolvia uma apresentação diária ao longo dos 11/12 dias do evento em torno de temas de interesse comum, avançou para um conjunto complexo de eventos dotados de diversos formatos (palestra, *workshop*, painel de debate, curso, dia de campo), que compõem jornadas técnicas, encontros tecnológicos e fóruns (Figura 47).

Os eventos programados buscam atender a necessidades de inovação tecnológica e sustentabilidade, tanto de interesse geral do setor da pecuária, daqueles específicos (pecuária de corte, pecuária de leite, equinos, ovinos e outros

animais de pequeno porte, asininos, peixes, entre outros) e do mundo profissional e acadêmico de modo geral.

Mais recentemente, um novo tema de reflexão tem sido inserido na Expogrande, relacionado à valorização das qualidades raciais de animais adaptados às condições do Pantanal, assim como os princípios sustentáveis na prática de pecuária e gestão das propriedades rurais no ambiente pantaneiro.

Figura 47: Interações em eventos específicos de produção e disseminação de conhecimento.



Os eventos programados buscam atender a necessidades de inovação tecnológica e sustentabilidade, tanto de interesse geral do setor da pecuária, daqueles específicos (pecuária de corte, pecuária de leite, equinos, ovinos e outros animais de pequeno porte, asininos, peixes, entre outros) e do mundo profissional e acadêmico de modo geral.

Mais recentemente, um novo tema de reflexão tem sido inserido na Expogrande, relacionado à valorização das qualidades raciais de animais adaptados às condições do Pantanal, assim como os princípios sustentáveis na prática de pecuária e gestão das propriedades rurais no ambiente pantaneiro.

Alguns desses eventos chegam a ocorrer de forma simultânea, seja num espaço definido dentro do Parque de Exposição Laucídio Coelho, tais como o auditório da Acrissul e Tatersal de Elite (Figuras 48 a 50), seja fora dele, especialmente em propriedades rurais de associados, quando incluem práticas de campo. O dia de campo é um desses exemplos, oferecidos pela Embrapa e que consiste na demonstração prática dos resultados da pesquisa diretamente em

campos experimentais ou em áreas demonstrativas, numa interação do pesquisador com os produtores e destes entre si, por meio de visitas ou meios televisivos.

São várias as organizações que passaram a apoiar tais eventos nesse período. Dentre elas estão órgãos administrativos do governo (em nível local, estadual e federal), instituições de pesquisa (EX. três unidades da Embrapa em Mato Grosso do Sul e Fundação MS, Fundect), universidades regionais (tais como UCDB, UFMS, UNIGRAN, UNIDERP/ Anhanguera) e nacionais de renome em pesquisas relacionadas à pecuária (Ex. Universidade de Lavras, Universidade de Viçosa, entre outras), entidades corporativas do setor (associações, sindicatos e cooperativas) e empresas privadas (nacionais e multinacionais).

Figura 48: Palestra proferida por especialista de empresa na Expogrande.



Fonte: Autora, 2013.

Figura 49: Workshop sobre empreendedorismo rural.



Fonte: Campo Grande News, 2014.

Figura 50: Fórum Nova Pecuária no Mato Grosso do Sul.



Fonte: Thaiany Silva, 2014.

3.2 PAPEL DA EXPOGRANDE NA DISSEMINAÇÃO E PRODUÇÃO DO CONHECIMENTO VISTA POR SEUS ORGANIZADORES E FREQUENTADORES

As entrevistas feitas aos frequentadores, organizadores e palestrantes da Expogrande nos anos de 2013 e 2014, tiveram como finalidade verificar em que medida estes percebem o papel que o evento na disseminação e produção do conhecimento agropecuário, que atendam as expectativas crescentes inovações a serem promovidas na agropecuária.

Foram separadas aqui as percepções dos organizadores e frequentadores.

3.2.1 Percepção dos organizadores da Expogrande

Foram incluídos nessa categoria, os organizadores e palestrantes. A primeira questão, à qual todos os organizadores responderam de forma positiva, foi se a Expogrande vinha de fato sendo organizada para exercer o papel de disseminadora e produtora de conhecimento na agropecuária.

Buscou-se identificar a opinião desses organizadores a respeito da contribuição que a Expogrande já estaria trazendo nessa disseminação e produção do conhecimento na agropecuária de Campo Grande, por meio de ações compartilhadas com universidades e órgãos de pesquisa. Dentre os entrevistados,

15% consideraram excelente a iniciativa, enquanto 85% consideram que as ações já atingiram uma repercussão razoável (Gráfico 4). Essas respostas permitiram supor que, embora os organizadores estivessem investindo nesse novo papel a ser exercido pelo evento, não consideravam que o mesmo, até aquela data, já estivesse exercendo plenamente essa função, pelo menos em relação aos empreendedores rurais.

De acordo com o que afirmaram os palestrantes, a grande parte do público que participa dessas ações (especialmente das palestras) é formada por alunos de instituições de nível superior ou de cursos técnicos.

Gráfico 4: Contribuição da Expogrande à disseminação e produção do conhecimento segundo os organizadores.



Fonte: Entrevistas, 2013 e 2012.

Segundo 76% dos entrevistados, ainda existe necessidade de uma maior divulgação para essa natureza de ação, pelo fato da mesma ainda ser relativamente nova na Expogrande. Seria uma forma de poder efetivamente se atingir a participação mais ampla do setor agropecuário tais como os produtores rurais, empresários e profissionais do segmento.

3.2.2 Percepção dos frequentadores da Expogrande

Conforme pesquisa realizada nos anos de 2013 e 2014, com os frequentadores da Expogrande, sobretudo, daqueles que assistiam ao ciclo de palestras, pôde-se constatar (Gráfico 5) que a busca de novos conhecimentos (58%) e a obtenção do certificado por essa participação (apenas 10%) atingiu quase dois terços do público. Dentre os interessados em certificados pela participação nas palestras encontravam-se principalmente o público universitário (Gráfico 5).

É preciso salientar que para 23% desse público, o principal motivo dessa participação ainda era a oportunidade de gerar ou fortalecer negócios na Expogrande (Gráfico 5).

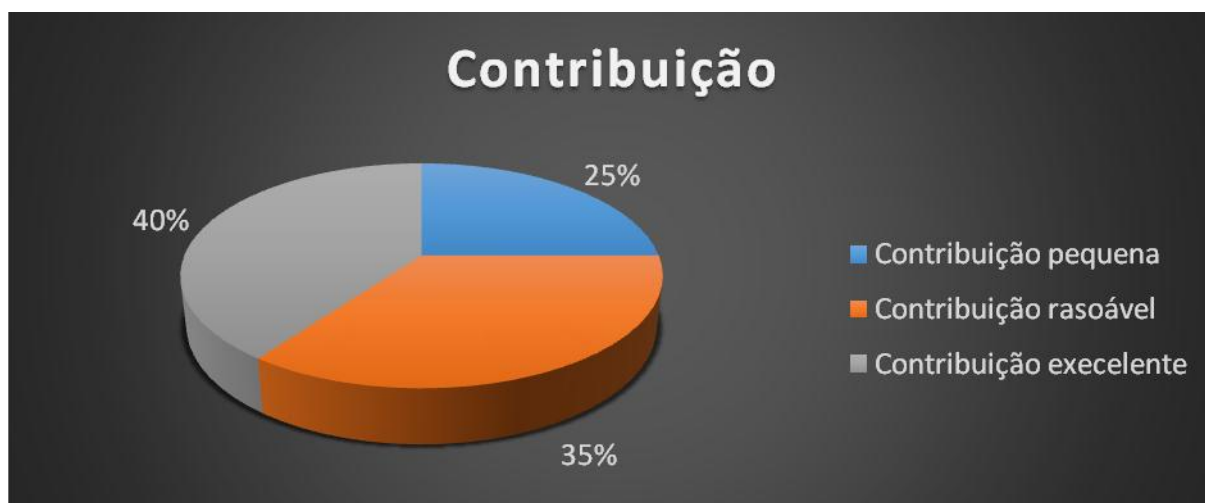
Gráfico 5: Principal motivação do público que buscou o ciclo de palestras na Expogrande.



Fonte: Entrevistas, 2013 e 2014.

Ao se questionar sobre o nível de contribuição que a Expogrande conseguia trazer em termos de novos conhecimentos para a agropecuária, constatou-se que pelo menos, 75% deles consideraram entre razoável e excelente (Gráfico 6), percepção que já denota valorização nada desprezível a respeito desse papel do evento.

Gráfico 6: Contribuição da Expogrande para o conhecimento em agronegócio.



Fonte: Entrevistas, 2013 e 2014.

Quando questionados sobre o aporte da Expogrande em relação às expectativas de aprendizagem que pudessem proporcionar as inovações necessárias na agropecuária local e regional, surpreendentemente 98 % dos frequentadores responderam que era ótimo (78%) e bom (20%).

Gráfico 7: Contribuição da Expogrande para a aprendizagem em agronegócio.



Fonte: Entrevistas, 2013 e 2014.

A comprovação desse nível de aceitação do público presente na Expogrande de 2013 e 2014, se deu diante da resposta unânime dos questionados de que retornariam ao novo evento, para participar do ciclo de palestras e de outras ações promovidas pelas universidades e instituições de pesquisa, relacionados à disseminação e produção de conhecimento.

3.3 AMBIENTE DE ENTRETENIMENTO AO PÚBLICO EM GERAL

O ambiente de entretenimento da Expogrande, constituído no espaço para realização shows, parque de diversões e local de alimentação (restaurantes e barracas), tem sido historicamente a forma de atrair os moradores locais e mesmo regionais, transformando o evento num grande acontecimento dentro da cidade.

O local de shows é o mesmo utilizado para os rodeios e constitui o espaço de maior aglomeração. Nele, geralmente, é montada uma estrutura com pista, área vip e camarotes. Da agenda de shows fazem parte preferencialmente cantores e músicas sertanejas (Figuras 51 a 54).

Figura 51: Vista aérea do espaço destinado aos shows.



Fonte: Google Maps, 2011.

Figura 52: Momento de show na Expogrande.



Fonte: Canal da Cana, 2014.

Figura 53: Agenda de shows na Expogrande, 2013.

75ª expogrande 2013
FEIRA AGROPECUÁRIA INTERNACIONAL

SHOW!

11 a 21 de Abril 2013

| Entrada Franca | 15/04 | 16/04 | 17/04 |
|---------------------------|----------------------|-----------------------|-----------------|
| Ittalo Fernandes | Loubet | Samba 10 | Grupo Casual |
| Pedro Henrique & Fernando | Caco & Marcos | João Neto & Frederico | Paula Fernandes |
| Entrada Franca | 18/04 | 19/04 | 20/04 |
| Jade & Jádson | Conrado & Alessandro | Patati & Pateta | Patati & Pateta |

21/04
Lançamento CD Paula Fernandes
Meus Enxovals

Resgatando a cultura de nossa Cidade, a Expogrande terá grandes shows em 2013!
Uma grande estrutura aguarda por você e sua família, com Camarotes e Área vip inovadores e confortáveis, com decoração temática, lounges e dj's para você curtir a melhor da feira.

Postos de Venda: **LEGAL CELULARES** 3315-8955 | **GIAMM** | **GUGU LANCHES** 3321.4520 | **SITE BOSS**

Cobertura: **ACRISUL** | Realização: **ACRISUL** | Informações: **JPL3 PRODUÇÕES** 3029.9033 8153.2381

Fonte: Acrissul, 2013.

Figura 54: Agenda de shows na Expogrande 2014.



Fonte: Acrissul, 2014.

O espaço de restaurantes e de barracas de alimentação (Figura 55) sofreu forte redução entre 2013 e 2014.

Figura 55: Barracas de alimentação na Expogrande.



Fonte: Autora, 2013.

A localização junto a um entorno cada vez mais urbanizado e a aglomeração de frequentadores vêm produzindo impactos negativos de várias naturezas (barulho, congestionamentos das vias, resíduos) para os moradores locais e ainda motivo de preocupação das autoridades com relação à segurança interna que a estrutura do Parque de Exposições Laucídio Coelho oferece ao público, especialmente em termos de infraestrutura (equipe de segurança e banheiros principalmente), de sinalização e equipe de apoio nas vias de circulação, oferece a esse público que busca entretenimento.

Foram exigidas obras no local para isolar o som das apresentações musicais e realização de um estudo prévio de impacto ambiental e de vizinhança durante o evento, que acabou não sendo cumprida pelos organizadores durante dois eventos.

Em 2014, o Ministério Público Estadual entrou com um recurso no Tribunal de Justiça de Mato Grosso do Sul, para interditar o Parque de Exposições Laucídio Coelho e cancelar a Expogrande, antes de seu início, pedindo pelo cancelamento das festas, shows, rodeios e tudo que promovesse som acima do nível permitido. O Tribunal de Justiça acabou decidindo pela realização da Expogrande 2014, com interdição do parque realizada somente cinco dias após o término do evento até que sejam cumpridas as normas ambientais.

Fica a questão se a Expogrande continua prestigiando o público em geral, para se afirmar como grande evento popular, no qual ganhou ênfase ao receber o título de patrimônio cultural de Campo Grande, ou podemos considerá-la como importante evento na disseminação e produção do conhecimento no setor da pecuária.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A pesquisa permitiu verificar que, efetivamente, a Expogrande já pode ser qualificada em Campo Grande como espaço de disseminação e produção de conhecimentos técnicos e científicos. Este espaço de interações dos produtores rurais com pesquisadores e técnicos do setor, de fato já vem trazendo contribuições no aprofundamento dos processos de inovação e desenvolvimento da agropecuária, ainda que necessite se consolidar nesse aspecto.

Foi possível validar a primeira hipótese relacionada à questão que norteou a presente pesquisa, ou seja, a de que o evento vem ganhando multifuncionalidade, seja pela tendência ao atendimento a novas especialidades do setor agropecuário (pecuária de leite, de pequenos animais), seja pela tendência de se transformar em espaço de disseminação de informações técnica e científica.

Nesse aspecto, pôde-se verificar que, em realidade, a Expogrande dinamiza e, ao mesmo tempo, responde pelo contexto do setor agropecuário de Campo Grande e região, no qual se insere. Além dos órgãos técnicos e científicos, verificou-se um esforço de cooperação que também parte de organizações do Estado e da União e que se exprime como políticas públicas.

Os bons exemplos são, de um lado, da Seprotur que inclui no evento um trabalho com o conjunto de cadeias produtivas incentivadas por políticas públicas. De outro, a o Ministério da Agricultura, Pecuária e Abastecimento, que se faz presente por meio das três unidades da Embrapa e aponta para a diversificação da pecuária e tecnológica, como a inclusão do bovino de leite, de equinos, da criação comercial de ovinos, valorização de raças adaptadas a ambientes específicos como o boi e o cavalo pantaneiro, dentre outros.

A diversificação da atividade na agropecuária, como se pôde constatar, insere-se num contexto de mesma natureza que se manifesta no âmbito do Município. Tais atividades potenciais disseminadoras e produtoras de conhecimentos vem buscando contribuir em inovações ajustadas às crescentes necessidades da agropecuária desenvolvida em território local.

Com relação à segunda hipótese, verificou-se que, de fato, a Expogrande vem se estruturando como espaço que possibilita um conjunto de formas de interação no âmbito do setor da agropecuária em Campo Grande, cujas atividades repercutem em nível regional, estadual e nacional. Esse espaço interativo no setor agropecuário proporcionado pela Expogrande, não só propicia a disseminação de informações novas aos produtores rurais, como processos de aprendizagem coletiva no setor.

As formas de interação se diferenciam, conforme se constatou, de acordo com o ambiente estruturado, seja para promover negócios (leilões e julgamentos de animais, pavilhão de expositores) ou específicos para a disseminação de informações e produção de novos conhecimentos.

As interações que contribuem no ambiente de negócios, seja para disseminação de informações novas ou produção de conhecimento, ocorrem nas dinâmicas de comercialização, como também naquelas relativas à exposição de produtos e procedimentos científicos e tecnológicos.

No entanto, mesmo não sendo intencional, como o caso dos leilões, existe espaço para o “aprender fazendo” e para o “aprender interagindo”. Chama atenção nesse sentido, a oportunidade oferecida na prática de comercialização, nos leilões de elite, não só por sua maior complexidade, como pelo nível de conhecimento novo exigido. Outros bons exemplos têm sido o “dia de campo” e a presença de técnicos de empresas para interagir com o produtor diretamente em sua propriedade rural.

A interatividade nesse ambiente permite que o detentor do conhecimento técnico e científico novo e do conhecimento baseado na experiência com a atividade produtiva de sua propriedade tenham oportunidade de dialogar, numa interação direta com a realidade em sua ou outra propriedade rural.

Nesse processo, a interação ocorre de forma mais completa, uma vez que os indivíduos interagem na presença do objeto de aprendizagem e todos aprendem, num ajuste à cultura e conhecimentos específicos de cada um. Entre o técnico/pesquisador e o produtor a conversão pode ocorrer nos dois sentidos, ou seja, do explícito para o tácito e vice-versa. No caso de eventos em que os produtores têm oportunidade de dialogar diante do objeto de aprendizagem, existe potencial para ocorrer também a socialização do conhecimento.

O espaço estruturado especificamente para disseminação e produção de conhecimento apresenta dinâmicas que podem ser estratégicas nesse sentido. Mas ainda carecem de maturação e não chegaram a sensibilizar de forma suficiente o segmento de produtores rurais para poder se consolidar. O aperfeiçoamento da estrutura e dinâmicas nesse espaço para esse fim deve ocorrer durante o processo de repetição dessas experiências, que teve início há apenas uma década.

Importante, nesse sentido, é que os diversos eventos propostos possam contribuir em processos interativos que envolvam efetivamente os diferentes participantes (técnicos, pesquisadores, produtores, acadêmicos), de forma que possam proporcionar diferentes formas de conversão na produção do conhecimento. Esse novo ambiente, em função da natureza dos frequentadores, especialmente se houver maior participação dos produtores rurais e mesmo de organizações governamentais, pode ser potencial para nele ocorrer o diálogo dos diferentes saberes.

Nesse processo em que os atores se encontram fisicamente e vivem relações de proximidade, pode-se pensar em aperfeiçoar formas interativas dos mesmos também com o objeto de aprendizagem. Seria a oportunidade para que os produtores possam debater e refletir questões comuns diante de fatos concretos, a exemplo dos dias de campo, dos roteiros tecnológicos, entre outros. Mas também é preciso pensar de forma criativa em como criar espaços de diálogo dos órgãos técnicos e científicos entre si, para se promover a combinação interdisciplinar do conhecimento codificado.

Torna-se fundamental nesse sentido, que os organizadores do evento, os órgãos geradores de conhecimento técnico e científico (Embrapa, universidades, setores de técnicos de empresas, ONG) e aqueles que representam os vários segmentos do setor agropecuário (sindicatos, cooperativas, associações, federações de agricultores) aprendam a trabalhar de forma ainda mais interativa. Enfim, a Expogrande pode pensar em caminhar para ser o grande espaço de conversão do conhecimento, a partir dos problemas apresentados por quem vivencia o setor, como principal indutor de inovações no Município e região.

Não só em Campo Grande como em Mato Grosso do Sul, os processos inovativos no setor da pecuária vem se manifestando de forma acelerada, seja na

melhoria e diversificação do produto (raças melhoradas de gado bovino, carne orgânica, diversificação de espécies na criação de animais, produção de leite e mel), em avanços no desempenho do processo produtivo (práticas sanitárias, confinamento, rastreamento por satélite, manejo e melhoria de pastagens, sustentabilidade dos solos e do ambiente), no aperfeiçoamento do processo de gestão da propriedade, entre outros.

Ainda não se conta com evidências que possam dosar o quanto a Expogrande já possa estar exercendo influência nesse sentido. Em grande parte, as condições de relativo atraso da pecuária em relação aos avanços tecnológicos já incorporados em alguns tipos de cultivo agrícola, os incentivos ao cultivo de florestas e cana-de-açúcar no Estado e o surto de aftosa que acometeu o gado bovino da fronteira com o Paraguai têm exercido peso na redução dos espaços de criação e do número de cabeças no Estado. Essa nova condição tem exigido práticas mais intensivas em ciência e tecnologia.

Portanto, as mudanças ocorridas na Expogrande é também fruto desse novo contexto, mas o evento pode se potencializar como espaço interativo na produção de conhecimentos novos e ajustados, de forma a funcionar como importante indutor dessas novas tecnologias.

Num outro viés, a função de festa popular, que tradicionalmente vinha sendo associada à função comercial exercida pelos leilões de gado, encontra-se ameaçada e pode acabar. Sua continuidade pode exigir que a Expogrande altere o local de sua realização. Mas a consolidação dessa nova função de disseminação e produção de conhecimento pode também ser um transformador da estrutura e público alvo do evento, sem que o mesmo saia do lugar. Será uma questão a ser resolvida pelos associados da Acrissul.

O presente trabalho tentou trazer contribuições ao entendimento desse novo papel que a Expogrande vem tentando exercer. Mas como esse processo é dinâmico, as evidências permitem diagnosticar apenas um momento e algumas dimensões desse processo. É preciso que novos trabalhos de pesquisa sejam realizados, de modo a se aprofundar no entendimento de certas questões, como de acompanhar novas tendências dos princípios que regem a estrutura e dinâmica desse evento.

REFERÊNCIAS

ALBAGLI, S.; MACIEL, M. L. **Informação e conhecimento na inovação e no desenvolvimento local**. Ciência da Informação, Brasília, v. 33, n. 3, p. 9-16, 2004.

ALVES NETO, J. L. **Produtor de sucesso: agricultura e pecuária em Campo Grande/MS**. Entrevista realizada a Laucídio Coelho. Jornal Rural Centro. Editoria Pecuária. Postado em 26/08/2011. Disponível em <<http://ruralcentro.uol.com.br/noticias/produtor-de-sucesso-agricultura-e-pecuariaem-campo-grandems-46536#y=0>>. Acesso em: 19 de maio de 2014.

ARANTES, M. T. **Acrissul: 70 anos de exposições**. Campo Grande, MS: ACRISUL, 2008.

ÁVILA, V. F. de. **Cultura de sub/desenvolvimento e desenvolvimento local**. Sobral-CE: Edições UVA (Universidade Estadual Vale do Acaraú), 2006.

BARQUERO, A.V. **El desarrollo local: uma estratégia para el nuevo milenio**. *Revista Estudios Cooperativos*, v.68, 1999, p. 15-23.

CAMPANHOLA, C.; SILVA. **O novo rural brasileiro: uma análise nacional e regional**. Campinas, EMBRAPA/UNICAMP, 2000.

FOLHA do fazendeiro 2009. Disponível em: <http://www.folhadofazendeiro.com.br/>

GIL, Antonio Carlos. **Como elaborar projetos de pesquisas**. São Paulo: Editora Atlas, 2002.

INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA. Disponível em: <http://www.ibge.gov.br/home/estatistica/economia/agropecuaria/censoagro/2006/>

LASTRES, Helena M. M. et al. **Conhecimento, sistemas de inovação e desenvolvimento**. Rio de Janeiro: Contraponto, 2005.

LE BOURLEGAT, Cleonice. **Desenvolvimento local na abordagem territorial do atual sistema mundo**. In O papel da universidade no desenvolvimento local. Gaetan Tremblay & Paulo Freire Vieira (Orgs). Florianópolis, APED, 2011.

LE BOURLEGAT, Cleonice Alexandre. **Mato Grosso do Sul e Campo Grande: articulações espaço-temporais**. São Paulo: UNESP, Tese (Doutorado), 2000.

LEMOES, C. **Inovação na era do conhecimento**. In: LASTRES, H.M.M. e ALBAGLI, S. (orgs.). Informação e globalização na era do conhecimento. Rio de Janeiro, Campus, 1999. Reproduzido em *Revista Parcerias Estratégicas*. Brasília, Centro de Estudos Estratégicos, n.8, p.157-79, maio 2000.

LIMA, Manolita Correia. **Monografia: a engenharia da produção acadêmica**. São Paulo: Saraiva, 2004.

MACHADO, Paulo Coelho. **Pelas ruas de Campo Grande**. Campo Grande: Tribunal de Contas de Mato Grosso do Sul. Campo Grande, 1991

NONAKA, Ikujiro; TAKEUCHI, Hirotaka. **Criação de conhecimento na empresa**. Rio de Janeiro: Campos, 1997.

POLANYI, Michael. **The tacit dimension**. Gloucester: Peter Smith, 1983/1966.

RAFFESTIN, Claude. **Por uma geografia do poder**. São Paulo, SP: Ática, 1993.

SCHUMPETER, J. A. **A teoria do desenvolvimento econômico**. São Paulo: Abril Cultural (Coleção Os economistas), 1982.

SVEIBY, Karl Erik. **A Nova riqueza das organizações**. Rio de Janeiro: Campus, 1998.

VARGAS, E. R.; ZAWISLAK, P. A. Inovação em serviços no paradigma da economia do aprendizado: a pertinência de uma dimensão espacial na abordagem dos sistemas de inovação. **Revista de Administração Contemporânea**. Rio de Janeiro, v.10, nº1. P. 139-159, 2006.

VYGOTSKY, L. S. **A formação social da mente**. São Paulo, Martins Fontes, 1984.

VILLASCHI FILHO, A. **Economia do conhecimento e do aprendizado**: sugestões de acréscimos para a agenda de regiões de fronteira da América Latina. In Dilemas e diálogos platinos: fronteiras. (Orgs) Angel Nuñez et al. Dourados: UFGD/PREC, 2010. p. 383-400.

ZUIN, L. F. S.; QUEIROZ, T. R. **Gestão e inovação nos agronegócios**. In: **Agronegócios, Gestão e Inovação**. São Paulo: Saraiva, 2006. p.3-18.

APENDICE I : ENTREVISTA (FREQUENTADORES)

PÚBLICO-ALVO: (Aluno de instituição de ensino superior/técnico, Proprietário rural, Professor de instituição de nível superior/técnico, Funcionários de empresas do setor agropecuário, outros).

PERGUNTAS

1 – O que o motivou a comparecer neste evento?

2 – É a primeira vez que participa? () sim () não

O que o atraiu para esse evento? :_____

3-Viria outras vezes? () sim () não. Justifique:

4 – Acredita que a Expogrande contribui para ampliar o conhecimento na área de inovação e tecnologia no setor do agronegócio de Campo Grande?

() sim () não

5- Se sim, avalie em que nível:

() a contribuição é ainda muito pequena

() já tem sido uma contribuição bem razoável

() considero hoje o evento mais importante para isso no setor Justifique

sua resposta:

6 – Participou de alguma atividade relacionada a palestras, demonstrações tecnológicas, treinamento? () sim () não

7-Se sim, do que especificamente?:

8 – Em termos de contribuição, atendeu às suas expectativas? ()sim () não 9-

Se sim, em que nível?

() ótimo; () bom; () ruim; () péssimo; () sugestões:_____

APENDICE II: ENTREVISTA (ORGANIZADORES) PERGUNTAS

1 – Por que a Expogrande passou a promover o evento paralelo?

2- Que público-alvo pretende atingir?

3 - A presença desse público-alvo nos eventos tem sido:

() ótima; () boa ; () ruim; () - Justificativa:_____

3 – Quais critérios são adotados para o tema e escolha do palestrante?

4 - Ocorreram mudanças neste ano? Qual (is)? Por que?

6 - Existe frequência de visitantes no evento paralelo? Destaque suas procedências.

() Nacionais; () Locais; () estrangeiros.

Países:_____

7 – Acredita que exista uma relação entre a Expogrande e a promoção do conhecimento e da inovação no setor do agronegócio nesse evento?

() sim () não

3- Se sim, em que nível?

() a contribuição é ainda muito pequena

() já tem sido uma contribuição bem razoável

() considero hoje o evento mais importante para isso no setor

Justifique sua resposta: _____